



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**JERRY FODOR E A LINGUAGEM NO
PENSAMENTO**

LUCIAN RODRIGUES DE FREITAS

ORIENTADOR(A): Dr. Prof. André Leclerc

Brasília, 30 de novembro de 2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**JERRY FODOR E A LINGUAGEM NO
PENSAMENTO**

LUCIAN RODRIGUES DE FREITAS
15/0080565

ORIENTADOR(A): Dr. Prof. André Leclerc

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia para obtenção do grau
de Bacharel em Filosofia.

Brasília, 30 de novembro de 2018

"A própria clareza das ideias (se é que as temos sem palavras) está intimamente relacionada com a clareza e a precisão das expressões que as traduzem." (Othon M. Garcia, 2010, pag. 173)

Dedico esse trabalho a minha avó, sentiremos sua falta. Assim como a meus irmãos por serem as melhores pessoas da minha vida. Não obstante, é ao meu pai, o mais importante de todos, pois sem ele eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

A muitos devo agradecimentos. Não foram poucos os que me ajudaram nessa jornada, que há muito começou. Agradeço meus amigos da Filosofia, em especial Amanda, Luiza, Raphaela e Barbara. Para sempre levarei nossa amizade. Contudo, é a meu pai que mais devo. Meu exemplo e suporte. De todos, é o que mais desejo deixar orgulhoso, e nem imagina ele o quanto fico feliz de ver que consegui. A meus irmãos, Lucas, Gabriel, André e Bibi, vocês são meus exemplos. Mas, em especial, agradeço a minha namorada, Geovanna, que por noites ouviu as teorias loucas que foram surgindo durante minha formação, e por sempre aturar esse provável filósofo e o custo que isso traz. As minhas tias e madrinhas que são um conjunto de segunda mãe, muito obrigado a todas.

RESUMO

Este trabalho busca pensar a importância da Linguagem para o Pensamento. A Linguagem não é apenas Comunicação, vai mais além. Ela manipula nossa forma de ver o mundo e como estruturamos a lógica no ato de pensar. Quanto melhor for nosso entendimento da língua materna, no caso o português, melhor compreendemos e melhor raciocinamos nossas ideias. O problema mente-corpo é revistado em uma metodologia interacionista. Assim, busco uma comunhão entre a Ciência Biológica e a Filosofia da Mente. O corpo é importante para mente, pois é o organismo que primeiro entra em contato com o ambiente, nossas sensações físicas e experiência com o próximo. A mente é importante para o corpo, pois é dela que vem as ordens de como o corpo deve agir. Os dois são um. Logo, busquei, com isso em mente, uma forma metodológica que traga a interação dos dois para o centro da discussão. A Linguagem é importante por dois motivos principais. Primeiro, é ela que proporciona a comunicação necessária para a interação social, e segundo, é ela que define a forma e o idioma em que a mente funciona.

SÍMBOLOS, ABREVIATURAS, SIGLAS E CONVENÇÕES

LOT	Language of Thought.
HCC	Hipótese Continuísta-Cognitivista.
TRM	Teoria Representacional da Mente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - DA EVOLUÇÃO DO CÉREBRO E DA MODULARIDADE DA MENTE.....	11
1.1 - CONCEITOS BÁSICOS	11
1.1.1 - <i>A Teoria Modular da Mente de Jerry A. Fodor.....</i>	<i>13</i>
1.2 - CÉREBRO E LINGUAGEM	13
1.1.1 - <i>Interface Linguagem-ação.....</i>	<i>19</i>
1.3 - A HIPÓTESE CONTIUISTA-COGNITIVISTA.....	21
1.4 - COMPUTABILIDADE	23
1.5 - AQUISIÇÃO DA LINGAUGEM EM CRIANÇAS	24
CAPÍTULO 2 - DA LINGUAGEM E SUA FUNÇÃO PARA O PENSAMENTO.....	29
2.1 - CONCEITOS BÁSICOS	29
2.1.1 - <i>O que é Linguagem?.....</i>	<i>30</i>
2.2 - LINGUAGEM DO PENSAMENTO	31
CAPÍTULO 3 - DA OPOSIÇÃO.....	47
3.1 - CONCEITOS BÁSICOS	47
3.2 - A PROVA DOS "NOVE"	47
3.2.1 - <i>O problema "Impossível" da Filosofida da Mente: a Consciência</i>	<i>47</i>
3.2.2 - <i>Jogos de Linguagem.....</i>	<i>48</i>
CONCLUSÃO.	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

INTRODUÇÃO

O problema mente-corpo viaja pelos séculos acompanhando filósofos e cientistas. Em Agostinho, a língua é fruto de um presente divino. Descartes diz que o ato de pensar justifica a existência humana. Muitos foram os que se indagaram a respeito, contudo, a partir da virada linguística, novas abordagens se mostraram promissoras.

Com o advento da Ciência da Computação, a tendência foi a analogia com a evolução das descobertas tecnológicas. Hoje, as Ciências Cognitivas são interligadas para uma abordagem coerente, uma vez que o estudo mecanicista – quando cada área se pergunta sobre o tema por si mesma – mostrou-se incapaz de bons resultados.

Chomsky, na obra Estruturas Sintáticas¹, trouxe de volta a importância da Linguagem para os estudos da Mente. Dentre os influenciados, encontra-se Jerry A. Fodor, colega de trabalho de Chomsky no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. A teoria de Fodor tem caráter Inatista². Para ele, a Linguagem Natural é representação da Linguagem Mental. Esta seria uma “função” inata ao ser humano, com lógica própria de funcionamento. Ele apresenta essa teoria do “mentalês” na sua obra A Linguagem do Pensamento, no de 1976.

Neste trabalho, a teoria de Fodor será revisitada para dar uma nova interpretação da Linguagem do Pensamento. Acredito que, ao analisar o “mentalês”, e o confrontar com as teorias evolucionistas e as descobertas das Ciências Cognitivas, perceberemos que o processo mental de pensamento é simbiótico à evolução biológica humana. O “mentalês” é sim uma representação da Mente, contudo, não o é inato ao homem, e sim um processo desenvolvido, interacionista³ com a experiência, o qual oscila entre a Mente Competente e Consciente.⁴

... pois é sabido que o comando da língua falada ou escrita pressupõe o assenhoreamento de suas estruturas frasais combinado com a capacidade de discernir, discriminar e estabelecer relações lógicas, de forma que as palavras não apenas veiculem ideias ou sentimentos, mas reflitam também a própria atitude mental. (GARCIA, 2010, pag. 175)

¹ Syntactic Structures, 1956.

² Corrente filosófica que acredita que as ideias são internas, independentes da experiência. No caso, também seria a Linguagem.

³ Corrente que defende a interação entre ambiente e homem.

⁴ Tipos de Mente, Daniel C. Dennett, 1997.

Percebemos que, quando uma pessoa aprende sua língua materna e a estuda nos movimentos morfossintáticos, ela desenvolve capacidade de compreensão e análise tanto dos sentimentos quanto da sua percepção mental. Isso quer dizer que ela consegue perceber o mundo a volta e entender seus pensamentos, comunica-los com muito mais eficiência do que as pessoas de baixo vocabulário. “Portanto, quanto mais variado e ativo é o vocabulário disponível, tanto mais claro, tanto mais profundo e acurado é o processo mental da reflexão” (GARCIA, 2010, pag. 174).

Estados mentais têm forma lógica-causal, e a língua natural representa essa forma. Assim, ela pode ser reconstituída pela síntese da representação mental que a expresse, a língua materna. O caráter competente do organismo humano percebe o mundo e o interpreta de acordo com o poder de significado do meio em que se insere. A significação de um estado mental forma-se pela língua que o sujeito conhece, e essa relação representaria a estrutura da mente e do pensamento. Portanto, uma representação é um conjunto simbólico correspondente no mundo, e a representação mental far-se-á pela língua.

Mas parece não restar dúvida de que, dispondo de palavras suficientes e adequadas à expressão do pensamento de maneira clara, fiel e precisa, estamos em melhores condições de assimilar conceitos, de refletir, de escolher, de julgar, do que outros cujo acervo léxico seja insuficiente ou medíocre para a tarefa vital da comunicação. (GARCIA, 2010, pag. 173)

Nova Síntese é um conceito indicado pelo psicólogo Steven Pinker que busca equilibrar a Teoria Modular de Jerry A. Fodor com a Biologia Evolucionista para, assim, desenvolver um caminho mais viável. Por isso, neste trabalho, consideraremos a teoria da Evolução Darwiniana como um fato, assim, o ser humano evolui em todas as suas características, inclusive as mentais, pelo processo de seleção natural. Porém, com um detalhe a diferenciar: a adaptação se dá pelo objetivo de potencializar as características da espécie. Logo, “a singularidade do cérebro humano e de suas capacidades, na perspectiva evolucionista, é fruto de adaptação a seu próprio nicho ecológico.” (CANDIOTTO, 2010, pag. 8)

Independentemente de posições teleológicas consideradas como boas ou más, o ser humano evoluiu e se adaptou, não apenas para conseguir as melhores características para a sobrevivência, mas também para as potencializar. Isso quer dizer que tais características,

biológicas e culturais, buscam as melhores oportunidades de aperfeiçoar e incrementar o aparato tanto cognitivo-biológico, como cultural.

A psicologia evolucionista entende que o objetivo da seleção natural não é garantir um comportamento biologicamente mais adequado possível, mas sim garantir a maximização do número de cópias de seus replicadores: os genes⁵. A seleção natural, portanto, acumula as vantagens obtidas pelos diferentes replicadores... (CANDIOTTO, 2010, pag. 9)

A metodologia basear-se-á em 3(três) eixos estruturantes: causais, relacionais e conflitivos. A partir da “Nova Síntese”, buscaremos uma base sólida, com descobertas e dados científicos para corroborar as teorias aqui apresentadas. No eixo “causal”, os dados e as descobertas científicas no campo da neurociência nos dará uma base sólida que corrobora a nova interpretação aqui proposta. “No entanto, o melhor processo para a aquisição de vocabulário é aquele que parte de uma experiência real e não apenas simulada, pois só ela permite assimilar satisfatoriamente conceitos e ideias que traduzam impressões vivas.” (GARCIA, 2010, pag. 178)

No eixo “relacional”, investigarei a relação mente-corpo-ambiente, afinal, o Homem é um ser social, comunitário; característica essa que, sem relacionamento, a mente não se desenvolve plenamente. No eixo “conflitivo”, os resultados serão interpelados por pensadores de peso como Wittgenstein e Searle para assim resolver futuras críticas. Acredito que, na tentativa de falsificar a teoria, ela se provará coerente.

A partir de análise da obra principal de Fodor – *The Language of Thought* – com incremento de mais alguns argumentos de peso, poderei demonstrar a coerência na nova interpretação: a linguagem é uma representação linguística dos estados mentais, cuja característica primordial é a significação do mundo e dos estados internos, ou seja, a língua pública é a língua interna, mentalês.

⁵ Gene é uma sequência de DNA que age influenciando o fenótipo do organismo.

CAPÍTULO 1 – DA EVOLUÇÃO DO CÉREBRO E DA MODULARIDADE DA MENTE

1.1 - Conceitos básicos

Para o bom entendimento do trabalho, preciso apresentar duas “forças” que unidas definirão e fundamentarão toda a conclusão desse trabalho. Primeiramente, explicarei a Teoria Modular de Fodor. Assim como também explicarei direcionadamente a evolução do córtex e a sua plasticidade, uma vez que se faz necessário demonstrar certas formas de funcionamento do cérebro humano. Além do mais, indicarei o funcionamento da Linguagem-ação, pois assim se demonstra a forma de funcionamento das regiões do cérebro envolvendo a Linguagem, que é o assunto central do trabalho.

Logo após, a teoria da Computabilidade se mostra conceitualmente importante como ferramenta de processamento de informações e modos de como o Pensamento se comporta com os *inputs / outputs*. Não obstante, como foi proposto na introdução do trabalho, explicarei um experimento envolvendo crianças de até 11 meses que auxilia na percepção do funcionamento do cérebro e o seu desenvolvimento envolvendo a Linguagem.

1.1.1 – Uma teoria Modular

Para este projeto, explicar a Teoria Modular de Fodor é de extrema importância, uma vez que tal conceituação ajudou a desenvolver interpretações conceituais nas áreas da Ciência Cognitiva e auxiliou no avanço das interpretações de dados dos experimentos envolvendo a mente, mais especificamente os neurônios. Estes constituem, talvez, os locais para a dita encapsulação proposta por ele.

A importância da Teoria consiste na percepção de que, caso Fodor esteja certo, e como alguns experimentos demonstram, nosso processo de evolução e desenvolvimento do córtex, durante as etapas de aprendizagem, decorrem de um processo de *especialização*. Mudo o substantivo utilizado, de *encapsulação* para *especialização*, por acreditar que assim facilitará na interpretação do presente trabalho como um todo.

Fodor, na tentativa de superar as insuficiências metodológicas e epistemológicas das teorias das faculdades mentais, assim como sua arquitetura, até então vigentes – as horizontais, verticais e associacionistas –, desenvolveu sua Teoria da Mente Modular, em

parceria com o linguista Noam Chomsky. Para ele, a mente e sua arquitetura constituem-se de um conjunto de módulos *especializados*.

Primeiramente, ele aponta vários erros e acertos de cada teoria. Logo, usando dos espaços em branco deixados por elas, afirmará que a arquitetura da mente possui dois níveis, e que há módulos centrais responsáveis pelos processos superiores como a criatividade, reflexão e imaginação.

Em segundo, afirma que esses módulos de processamento funcionam independentemente dos outros, com cada um responsável por um tipo específico de informação. Uma região do córtex trataria da memória, outra da visão, outra da fala e assim por diante. Para ele, ocorreria uma adaptação desses módulos ao ambiente para a aprendizagem. Assim, afirma que pensar os processos mentais em módulos *especializados* seria mais proveitoso. Portanto, cada um funcionaria com regras e processos próprios.

Aqui, divirjo de Fodor, pois, com o desenvolvimento do homem, de bebê até a fase adulta, certos neurônios se especializam, como demonstrado pelas novas descobertas neurológicas, para determinadas funções cognitivas. Mais à frente, indicarei situações que corroboram minha análise. No entanto, acho um pouco injusto, uma vez que ao desenvolver o pensamento sobre os Módulos não havia informações e tecnologias suficientes a respeito da biologia cerebral para o autor.

Todos sabem que, quando criança, nossa capacidade de adaptação para determinadas situações é extremamente fácil, como exemplo, ao aprender uma nova língua. Até determinada idade, se aprendermos duas línguas, as reproduziremos com extrema qualidade e sem nenhum sotaque. Contudo, após essa idade, mais comumente após os 13 anos, nossa capacidade de aprendizado de uma língua extra se torna extremamente difícil e, ainda mais, a percepção da dificuldade da fala mostra-se em todos os momentos. Além disso, o Cérebro já se provou extremamente adaptável em caso de extrema necessidade. A exemplo do caso Phineas Gage⁶ que, com uma barra de ferro atravessada a cabeça, não teve suas atividades cerebrais alteradas; não obstante, sua personalidade sofreu mudanças significativas.

Se levarmos esses casos em consideração, e interpretarmos à luz do significado de *inato* e *encapsulado*, percebemos uma dificuldade de imediato. O cérebro, se fosse rígido, não encontraria formas de adaptação para a melhor sobrevivência do homem, assim, com

⁶ Sofreu o acidente em 1848.

uma barra atravessada a cabeça, ninguém poderia ter suas capacidades cognitivas intactas. Contudo, se fosse completamente maleável, a capacidade de aprender uma outra língua seria extremamente fácil; ou a nossa capacidade de manter interpretações e hipóteses, implicações e disjunções, baseadas em premissas fixas, seriam insuficientes para a sobrevivência.

Logo, posso concluir que existe um processo de *especialização* durante a primeira parte da vida humana que ajuda no aprendizado ao se estabelecer. Entrementes, essa especialização dos neurônios diminui com o avanço à idade adulta. Assim sendo, o processo de *especialização* do módulo é necessário para um melhor desempenho dos processos mentais, e também para a computabilidade desses processos.

Voltando à Fodor. Para ele, o processo tem liberdade para decisões e resoluções a partir dos inputs recebidos; assim construímos hipóteses, crenças ou expectativas, em relação ao mundo. Então, tais mecanismos específicos da mente, funcionais e plásticos se desenvolveriam pela seleção natural.

1.2 – Cérebro e Linguagem

No tocante ao assunto do trabalho, lembremos que, quando falamos de Cérebro e sua Evolução, envolvemos um quantitativo de anos que por si só valeria um esforço demasiadamente grande, além das quantidades imensas de áreas de estudos que dificultam abordar o tema por completo. Como o trabalho se trata de uma percepção sobre um problema – a Linguagem – portanto, trataremos de modo cirúrgico para, assim, facilitar a compreensão e não fugir da questão.

Com a evolução da explicação, perceberemos como se adequa a Teoria Modular da Mente do Fodor, e como essas duas correntes conseguirão demonstrar como a Linguagem pode funcionar no processo do Pensamento.

Com o aumento do córtex, sua estrutura e fisiologia, necessitou-se de uma adaptação. Afinal, são grandes os fatores que dificultam o simples aumento da massa cerebral – tamanho do crânio, alimentação e as dificuldades de manter as ligações sinápticas. Portanto, o crescimento cerebral está vinculado ao número de neurônios crescente e sua interligação, além de fatores físicos.

A solução, como aponta Paulo Saraiva⁷, autor do livro base para essa etapa:

⁷ Cérebro, Evolução e Linguagem, 2014, Editora UnB.

(...) foi, ..., fazer com que o cérebro e especialmente o córtex cerebral fiquem funcionalmente mais fracionados, com o surgimento de novas áreas e, dentro delas, de novos módulos de processamento. (SARAIVA, 2014, pag. 377)

Como o crescimento exponencial do cérebro humano – nós possuímos um dos maiores em relações cúbicas do reino animal – foi inevitável o surgimento de alguma forma de adaptação para a resolução do problema. E essa solução foi a modularização e o fracionamento de funções, assim como um aumento considerável de interconexão a fim de facilitar o processamento neural e ter ganhos incríveis na velocidade de processamento e economia de energia.

Dessa maneira, a maioria das conexões interneuronais passou a ser confinada a sítios restritos. Desse modo, a performance dos circuitos neuronais não é apenas preservada, mas chega a se tornar também mais eficiente. (ANDERSON, 1999 apud SARAIVA, 2014, pag. 378)

Essa *especialização* fornece uma economia espacial, temporal e energética principalmente em um cérebro igual ao nosso, pois, possui uma estrutura maior com uma grande densidade celular. O cérebro humano varia de 1200 a 1400 centímetros cúbicos e o número de neurônios pode chegar a 86 bilhões, imagine como seria uma inter-relação de processos gerais, rígidos em cada função? O gasto de energia para processos básicos seria exponencial. Assim, explica-se a modularização como uma forma de adaptação mais econômica.

Como se sabe, a nosso córtex sofre uma lateralização⁸ funcional. Essa informação surgiu junto aos trabalhos de Paul Broca⁹ quando percebeu a importância do lóbulo esquerdo para o desempenho linguístico. Desse trabalho, e de alguns sensacionalistas, é que advém o “mito” de uso das laterais do cérebro, e não como um processo integrado.

Hoje, já não se imagina o funcionamento do cérebro nessa dicotomia. Claro, existem partes do cérebro especializadas como a área de Broca, que leva o nome do cientista responsável pela sua descoberta. Contudo, não se esgota nessa região.

Ressalta-se que a constatação do erro que é pensar em um desenvolvimento simétrico, pois seria de difícil evolução para áreas longínquas umas das outras, gerou o que

⁸ Broca descobriu o centro de fala no hemisfério esquerdo do Cérebro ao estudar doentes afásicos. Os doentes possuíam lesões na região apontada.

⁹ Médico, anatomista e antropólogo. Morreu em 9 de julho 1880. Fundador da neurocirurgia na França.

se pode denominar *assimetria flutuante, ou direcional*. Logo, a evolução seguiria um curso de especialização direcionada de acordo com sua lateralização e também integrada.

Essa assimetria direcional permitiu a lateralização funcional para um melhor desempenho computacional. Aparentemente, essa computabilidade funciona com mais eficiência quando seus componentes se dividem em módulos operacionais. Intuitivamente perceptível que, com essa divisão funcional, analogamente ao Computador, o processo computacional não sofre com perdas de energias e “caminhos” distintos ou iguais, ou seja, duplicação de funções. Mais à frente, abordarei a lateralização na relação linguagem-ação, com a preferência pela mão direita.

Como decorreu e o porquê dessa assimetria, não se pode dizer. Talvez, a necessidade de um melhor desempenho e resguardo de energia tenham contribuído significativamente para essa evolução modular dos neurônios. Assim, a evolução pode ser explicada pelo uso e desenvolvimento pelo uso.

Ao evoluir para o bipedismo, os nossos ancestrais liberaram uma importante ferramenta: as mãos. Assim, com o passar dos anos e do desenvolvimento da habilidade manual, passamos a ter uma diversificação para o uso manual. A exemplo do ato de apontar. Simbolicamente, trata-se de uma ação muito simples, porém, se evoluirmos nessa linha de raciocínio, percebemos que tal ato carrega em si um significado complexo.

Quando apontamos, estamos indicando uma intencionalidade para algo, ou de desejo ou de informar o grupo sobre algo. Contudo, partindo desse exemplo, podemos antecipar uma oposição ao se tratar a vontade de comunicar como já sendo uma Linguagem. Mas, como veremos mais a frente, a Linguagem pode ter uma interpretação apenas utilitarista e não carregada de significados próprios, mas construídos pela percepção do mundo natural.

Se levarmos em consideração que nossos antepassados conseguiam perceber relações de causa-efeito, poder-se-ia criar padrões que desenvolveriam uma protolinguagem. Ou seja, a partir da percepção de padrões causais a Intencionalidade seria fundamental para o desenvolvimento da protolinguagem. Libras agora pode ser um dos melhores, talvez o melhor, exemplo como sintaxe dessa evolução ação-semântica. Resumidamente, podemos considerar a seguinte escala de acontecimentos: espacial-relacional -> bipedismo -> desenvolvimento manual e dos sentidos -> preferência pelo uso da mão direita -> avolumamento da massa cerebral -> especialização do hemisfério esquerdo.

O aumento do cérebro, elevando consideravelmente o nível cognitivo dos componentes desse novo grupo, abriu o caminho para que se ampliasse e se tornasse mais efetiva sua capacidade computacional. (SARAIVA, 2014, pag. 405)

Alguns críticos podem apontar essa especialização como um indicativo de um órgão exclusivo para a Linguagem, abordaremos e tentaremos demonstrar, mais a frente, como isso não se encaixa, contudo, adiantando, se tratarmos o Cérebro como o órgão interacionista que é, estaríamos de frente ao órgão exclusivo da Linguagem, o próprio Cérebro.

Ao trazer o conceito de Intencionalidade para o debate, procuro dar espaço a um dos fundamentos mais importantes da Filosofia Contemporânea. A Intencionalidade é um fato. Afinal, cada decisão, cada ação ou emoção parte para um determinado fim, possui uma intenção. Porém, procurarei equilibrar esse conceito essencialmente filosófico na evolução da espécie humana para uma protolinguagem.

“A intencionalidade no sentido filosófico é apenas relacionalidade. Alguma coisa exhibe intencionalidade se sua competência é de algum modo sobre alguma outra coisa” (DENNET, 1997, n.p.). Essa forma de conceituar nos libera das dificuldades de explicação a respeito da Intencionalidade, com a vantagem de ter uma fonte direta para a abordagem desse trabalho. Portanto, quando nosso ancestral desenvolveu sua capacidade de predição e de relação, adquiriu também a capacidade de demonstrar sua Intencionalidade.

Ao desenvolver a competência necessária para a sobrevivência – percepção, memória, olfato, visão, tato – o *hominídeo*¹⁰ começou a construir informações que foram se acumulando progressivamente até atingir nível de conhecimento particular, a inteligência. Assim, depois de abandonarem as árvores e desenvolver o bipedismo, com suas mãos livres, o ato intencional de apontar poderia ser classificado como a ação de uma competência intencional.

Estados de percepção, estados emocionais e estados da memória, por exemplo, exibem todos relacionalidade sem necessariamente serem intencionais no sentido comum; eles podem ser respostas inteiramente involuntárias ou automáticas para uma coisa ou outra. (DENNET, 1997, n.p.)

¹⁰ Ramificação biológica referente aos primatas, da qual pertence o gênero sapiens, o homem como conhecemos.

Quando nos aproximamos do fogo, sentimos o calor e, ao depender do ambiente, nos aconchegamos ou repelimos. Porém, se exagerar na proximidade, o resultado é desastroso. Depois de um tempo, até o cachorro mais bobão perceberá o risco que o fogo possui. Assim também é com o *hominídeo*. O verbo “queimar” carrega com si o significado do resultado que o ato de encostar no fogo, ou o fogo, pode ter. Logo, o verbo é o significado codificado de uma compreensão empírica entre a relação do sujeito com o ambiente.

Nada disso seria possível sem a incrível máquina que é o cérebro humano. A capacidade cognitiva e a plasticidade foram essenciais para o desenvolvimento da Linguagem.

Na gestação, mais especificamente na terceira semana, começa a surgir o sistema nervoso, que é quando surge a placa neural – responsável pela estruturação e informações pertinentes para o desenvolvimento dos neurônios. Esse fenômeno é responsável pelas instruções pertinentes que determinarão o desenvolvimento de cada um desses neurônios. Significa dizer que, independentemente da individualidade humana, nós já vimos programados em um nível celular para nos desenvolver.

Contudo, não se trata de um desenvolvimento rígido. A competência que se percebe não é determinante, mas só o suficiente para a edificação do ser humano, ou seja, trabalha igual a uma planta baixa arquitetônica. O que irá determinar a modularização fodoriana são essas instruções arquitetônicas genéticas.

Mas existe um limite nas dimensões do embrião, além do qual tal processo de difusão não pode operar efetivamente. Resulta daí que o plano de desenvolvimento dos pequenos cérebros é muito mais suscetível a essas influências e, portanto, mais obediente a uma programação genética do que o dos grandes cérebros. (SARAIVA, 2014, pág. 423)

Após o nascimento, o cérebro ainda se adapta, desenvolve-se e aprende. Assim, a seleção darwiniana acaba por influenciar a configuração final do cérebro do adulto, pois requer-se qualidade na estruturação para sustentar e manter o funcionamento dessa complexa máquina.

Portanto, é a partir do nascimento que a Cultura, o Ambiente e a Socialização entram como fatores determinantes para o desenvolvimento cognitivo, no caso, infantil. Pois, “o cérebro dos mamíferos dispõe dessa propriedade de capital importância: a habilidade de se adaptar estrutural e funcionalmente às novidades” (ibid, pag. 424). Assim sendo, ao conviver

com os genitores e se socializar com todas as informações que a sociedade traz consigo, o recém-nascido as assimila da melhor maneira possível, e o cérebro acaba por se moldar no que lhe resta a ser moldado – trata-se do Período Crítico¹¹.

A importância da atividade neural induzida por influências ambientais no refinamento das conexões dos terminais das vias sensoriais vem sendo eloquentemente demonstrada, estrutural e fisiologicamente, na organização central dos seus terminais. (ibid, pag. 423)

No percurso cirúrgico do trabalho, estabeleceu-se, e restam poucas dúvidas a respeito, a existência de um período crítico essencial para a aquisição da linguagem. No caso, a linguagem que lidaremos agora é a língua materna, que mais à frente será explicada como representacional da linguagem mental, o *mentalês*. Contudo, como é um dado extremamente importante para a evolução do trabalho, usaremos toda a parte a respeito do livro de Paulo Saraiva, que direciona essa primeira parte da investigação. Portanto, a partir daqui o texto será uma síntese do assunto tratado pelo autor.

A Linguagem propriamente dita, e não tipos análogos a ela, é um fenômeno estritamente humano, por isso, fica difícil a investigação por motivos éticos óbvios. Logo, para tal empreitada, temos as chamadas crianças “feras”, as quais são assim denominadas, pois, em algum momento de suas vidas, foram criadas longe da sociedade, até mesmo diretamente com animais – são ao todo quarenta e um casos registrados. Dos quais, constataram-se em trinta e um deles graves deficiências linguísticas independentemente do intenso treinamento sofrido.

Como essas crianças tiveram pouco contato, ou nenhum, com a sociedade, ou seja, com uma linguagem, a deficiência mostrou-se insuperável até mesmo quando adulto. Sendo assim, a capacidade de aprendizado da língua tem período de validade. Se ela não convivesse em nenhuma maneira, a exemplo romantizado do Tarzan, a comunicação com os seus pares seria impossível após certa idade.

Esses fatos revelam claramente, que um comportamento altamente complexo, como o da linguagem, é muito dependente de um período crítico de exposição, no qual os circuitos neurais envolvidos são modelados de forma a propiciarem o desempenho almejado. (ibid, pag. 438)

¹¹ Período no qual o ser humano aprende a linguagem materna.

Essa dependência alcança o nível morfossintático do aprendizado linguístico, mas a habilidade semântica e vocabular não sofre tanta modificação, talvez por justamente já por possuir um núcleo linguístico básico para aprender outros níveis de significado.

As neuroimagens, graças ao avanço tecnológico, permitem uma investigação mais incisiva e menos invasiva. Assim, percebeu-se, o que já se sabia, da preponderância do hemisfério esquerdo para a linguagem. Porém, também se apercebeu que, caso uma criança até sete anos aprendesse duas línguas, a segunda se sobrepunha a primeira. Não obstante, após essa idade, a segunda não se sobrepõe perfeitamente, na verdade, em algumas, percebeu-se sítios diferentes de localização.

Nas próximas seções, abordaremos situações que demonstram o processo de especialização, assim como uma pesquisa liderada pela cientista Patrícia K. Kuhl em crianças de até onze meses de idade e a forma como elas começam a adquirir Linguagem.

1.2.1. – Interface Linguagem-ação

Começamos então à explicação sobre a lateralização e a influência da especialização dos hemisférios na Linguagem. Novamente, trata-se de uma forma de demonstração da especialização como modo para a Modularidade da Mente.

A existência ubíqua das assimetrias hemisféricas sugere assim que, desde muito cedo, houve uma clara tendência nas diferentes espécies para uma lateralização funcional dos seus hemisférios cerebrais, cada um deles executando preferencialmente um determinado tipo de operação computacional. (ibid, pag. 383)

Objetivo da especialização neural, como já demonstrado, é a eficiência cerebral. Isso quer dizer que, ao lidar com problemas complexos, desde gastos de energia até a solução de problemas para a sobrevivência, o Homem desenvolveu esse complexo mecanismos de divisão para o trabalho. Assim, como todo emprego elaborado necessita de uma estratégia, uma mente computacional, para calcular a distribuição das ferramentas necessárias para tal empreitada.

Como relacionou-se o ato, a intenção, de apontamento, a lateralização mais indicada a partir de agora é a lateralização na especialização da mão direita. Quando o *hominídeo* conseguiu sair da copa das árvores – isso pode ter ocorrido por diversos fatores, mudanças climáticas extremas como a mais provável – o uso dos membros superiores ficou para o

segundo plano, afinal, a sua utilidade estava posta em cheque. Partindo de um pressuposto climático e tendo a savana africana como centro do nascimento da humanidade, pode-se inferir que para a sobrevivência, alimentação entre outros, o desenvolvimento para membros inferiores mais fortes e resistentes se fez necessário. Com tais membros mais desenvolvidos, grandes distancias puderam ser percorridas com mais eficiência.

Assim, os membros superiores ficaram livres para outras formas de utilidade. Tais como uso de utensílios e, particularmente, gestos intencionais. Longe de tentar resumir milênios de acontecimentos antropológicos e vários trabalhos sobre o assunto, mas o fato de 90% da população mundial ser destra mostra-se sintomático. A resposta do porquê dessa preferência está longe de ser respondida, porém, o aprendizado e a tendência natural do ser humano em copiar seus pares justificaria com poucos riscos de erro tal fenômeno, e, levando em consideração o acúmulo cultural como influenciador também da especialização biológica, estaria explicado também o porquê dessa lateralização está também vinculado biologicamente à população.

Nos humanos, a lateralização manual, ao nível de população, atinge índices mais elevados do que em qualquer outra espécie, com cerca de 90% dos indivíduos tendo preferência pelo uso da mão direita. Isso significa que, em face do cruzamento das fibras motoras e sensoriais – fenômeno generalizado entre os vertebrados – o comando da mão direita estará do lado esquerdo do cérebro, onde também estão localizados os principais centros da linguagem. (ibid, pag. 384)

A liberdade adquirida quando do surgimento do bipedismo possibilitou a alternativa para um desenvolvimento diferente da dos símios, que usam os membros superiores para utilidades mais específicas. Nos *hominídeos*, os membros superiores ainda eram utilizados para outras formas. Um exemplo cultural interessante, imagético, dessa possibilidade, está presente no filme *2001 – uma odisseia no espaço*¹². No filme, um símio ao agarrar um osso aprende a usá-lo como ferramenta, principalmente para defesa de território necessário à sobrevivência.

O ato de agarrar, de apontar, gesticular, munido de uma intencionalidade, pode muito bem explicar o surgimento de uma protolinguagem, e também explicaria o surgimento da

¹² Direção de Stanley Kubrik, co-escrito por ele e Arthur C. Clark. 1968. Basicamente o filme acompanha os saltos de evolução da nossa espécie, tendo o Monólito como influenciador ou espectador.

Língua de LIBRAS. Poucos são os que falam sem gesticular as mãos ou apontar, não são resquícios, mais indícios da especialização conjunta, talvez derivada.

1.3. – A hipótese continuísta-cognitivista

No percurso para definir a importância da Linguagem para a Estrutura do Pensamento, como pensamos e em que língua o fazemos, discutimos a evolução biológica e sua importância para o surgimento da Linguagem. Dito isso, resta sintetizar em uma hipótese justa e coerente sobre os processos que desembocaram nesse fenômeno.

A melhor proposta encontrada por mim, até então, chama-se Hipótese Continuísta-Cognitivista, doravante HCC. A HCC busca explicar o surgimento da Linguagem como uma continuidade da evolução, um processo longo e desafiador, único no planeta, mas não “milagroso”. O interessante dessa proposta é que une a biologia à evolução cultural. Esta, não mais isolada da biologia, também implica e influencia em atitudes importantes para a evolução do homem. Sigamos na jornada.

Como antecipado, o termo *continuísta* determina uma forma de progresso. Um seguimento de influência progressiva. Assim sendo, a Linguagem, a Cultura, a Evolução do Homem contemporâneo resultou da progressão, dessa história evolutiva, em um movimento dialético.

Difícil é perceber essa cadeia de eventos que nos antecipou, uma vez que nossos antepassados, anterior aos *homo sapiens*, estão ausentes da Natureza com milênios de distância. A única forma de percepção dessa continuidade são as ossadas nos sítios arqueológicos e a ciência da paleontologia forense para nos informar com dados suficientes para percebemos tal continuidade.

Cérebro e Cognição

O cérebro evoluiu vertiginosamente. Nosso *filó*¹³, no caso o *homo*, sofreu vários processos seletivos e evolucionários. Isso quer dizer que, todos os ancestrais, desde os *neandertais* até o *erectus*¹⁴, possibilitou no desenvolvimento da maior evolução de todas: a cognição.

¹³ Termo utilizado pela biologia para as ramificações dos seres vivos.

¹⁴ Derivados dentro do filó homo.

Apenas um cérebro com as características próprias poderia desenvolver poderes mentais tão incríveis que influenciariam todo o planeta.

Mas é precisamente a partir daí que surge a linguagem, ao proporcionar uma interação virtuosa com o pensamento e a reflexão. E, em decorrência, originou-se a cultura, permitindo o aparecimento ... das heranças biológica e cultural. (ibid, 2014, pag. 478)

A Cognição, junto à Linguagem, permitiu um nível de inteligência recursal de uma potência imensa. Além disso, nossa característica social, interacional, permite trocas de experiência e aprendizado capazes de um acúmulo de informação passível de manipulação por símbolos.

O cérebro recebe informação do ambiente que a transforma em dados, no início sem significado, apenas Competentemente. Por enquanto, os *hominídeos* apenas respondem em uma lógica casuística: fogo queima. No entanto, pelo meio da aprendizagem, e não sermos presos em ações fixas à competência da espécie, conseguimos passar as informações às próximas gerações necessárias sem necessitar do retorno à desinformação.

Linguagem e Comunicação

Encontramos a Comunicação, esse fenômeno essencial para a sobrevivência, em diversas espécies. Ela serve para localizar alimento, alertar de perigos, acasalar, entre outros. Dito isso, não é de se surpreender com a capacidade comunicativa dos *símios*, nossos parentes mais próximos, ou mesmo das abelhas. Embora, apenas na nossa espécie encontramos recursos e funções surpreendentes, a partir daí, podemos perceber a importância para a nossa espécie da Linguagem e da Comunicação.

Como veremos na parte desse trabalho *O que é Linguagem?*, a qual é vista como uma ferramenta para a Comunicação, ela também acaba por extrapolar essa função. Ela influencia nossos estados mentais superiores, assim como as conexões neurais. Logo, Linguagem vai além de Comunicar, nos dá ferramentas para raciocinar os significados do mundo e o ressignificar.

Essa “ferramenta”, dentro do HCC, foi construída pelo evoluir de várias habilidades biológicas e intencionais que foram agregando um “bloco informacional” a cada geração. A

protolinguagem surgida da evolução e sua intencionalidade foram evoluindo, bloco a bloco, influenciando tanto o aumento da massa cognitiva quanto a cultura.

...embora nossa linguagem apresente características exclusivas, ainda assim, por meio de processos de cooptação e exaptação, ela incorpora certos procedimentos computacionais de domínio geral, já presentes em outros animais e utilizados para outras funções. Esses procedimentos, combinados a algumas adaptações dos sistemas sensoriais e motores, podem contribuir decisivamente para a efetividade da nossa linguagem. (ibid, 2014, pag. 468)

Cultura

A Cultura há muito foi estudada aparte da evolução biológica humana. Apenas nos últimos anos ela ganhou papel de destaque. O que, na minha opinião, atrasou e muito o estudo da evolução do ser humano. É perceptível quando nos perguntamos o que aconteceu? Quando paramos de evoluir biologicamente? O ser humano possui o mesmo sistema biológico que possuía há mais de dez mil anos, com pouquíssimas mudanças. No entanto, só nos últimos 20 anos, a cultura, a tecnologia, deram passos além da compreensão. Hoje, ela é impossível de ser parada.

Com isso, acredito que o Cérebro nos propiciou o maior elemento da linguagem e de importância para o surgimento da Cultura, *a referência simbólica*. Com o evoluir da espécie, esta desenvolveu na Arte a capacidade referencial entre Emoções e Significado. Assim sendo, o recurso cognitivo de significar o mundo e o representar por pinturas, ou símbolos, contribui com “blocos informacionais”, “tijolos” na construção da mente.

1.4 - Computabilidade

Computabilidade é um conceito da Lógica derivado do pensamento de Turing, muitas vezes chamado de Máquina de Turing. Esse conceito tem grande influência sobre o pensamento da Linguagem da Mente em Fodor. Portanto, Computabilidade é de extrema importância para o andamento desse trabalho.

Uma máquina de Turing é um tipo específico de máquina idealizada, cuja função é executar computações, especialmente

computações nos inteiros positivos representados em notação monádica.
(BOOLOS, 2012, pag. 43)

Alan Mathison Turing¹⁵, britânico, influenciou o mundo com sua criação, o Computador. Sua atuação foi desde a matemática até a computação. Criou o conceito de algoritmo e a computabilidade com sua máquina de Turing.

Imagina-se uma máquina com instruções predeterminadas. Essa máquina grava informações, ou apaga, em uma fita que é movida para a esquerda ou direita de acordo com as informações já dadas. Assim funciona a computação idealizada por Turing. Faz-se a computação com qualquer tipo de notação envolvida. Desde *bits*, até, no caso fodoriano, a linguística.

Uma máquina de Turing foi programada para uma dotação em *bits* de 0 e 1. Assim, a máquina, com sua programação em *bits*, traduzirá a informação nessa nomenclatura. Ao escrever a letra *a*, ela traduzirá em 01000001. Nesse percurso, ela moverá a fita e escreverá os traços de 1 e deixará em branco os que receberam o 0.

...quando uma computação pode ser feita em uma notação, é possível em princípio fazê-la em qualquer outra notação, simplesmente traduzindo os dados da notação difícil em uma mais fácil, realizando a operação usando a notação mais fácil, e depois traduzindo o resultado de volta da notação mais fácil para a mais difícil. (ibid, pag. 43)

Portanto, computação é a função lógica-causal de execução de instruções pré-determinadas representativas em funções da linguagem usada.

1.5 – Aquisição da Linguagem em Crianças

Demonstrei até então os mecanismos neurobiológicos para o desenvolvimento da Linguagem. Assim como uma possível evolução das várias ferramentas desenvolvidas pelo cérebro. Contudo, por mais que se tenha muito a se falar a respeito do funcionamento neurobiológico do cérebro, como os neurônios se comportam e o que são, ainda se precisa entender o funcionamento e os mecanismos de como acontece o fenômeno do aprendizado da Linguagem.

¹⁵ Além de ter ajudado os ingleses durante a Segunda Guerra Mundial decifrando a Enigma, máquina criptográfica alemã.

Do comportamento neurobiológico e sua evolução, muito já se falou. Agora, o funcionamento, o comportamento funcional dessa percepção é o que o artigo exposto a seguir evidenciará. Nesse artigo, perceberemos como a mente infantil, no caso em crianças de 6 a 12 meses de idade, capta, interpreta e direciona a capacidade linguística.

As evidências encontradas sugerem uma diferente visão das comumente aceitas: Inativismo e o Behaviorismo¹⁶. “A visão emergente sugere que as crianças se envolvem em um novo tipo de aprendizado no qual a entrada da linguagem é mapeada em detalhes pelo cérebro infantil.” (KUHL, 2000, 11850)

A pesquisadora destaca seis princípios percebidos pelos experimentos nas crianças para aquisição da Linguagem: i) inicialmente, os bebês analisam unidades básicas de fala e adquirem unidades superiores a partir de suas combinações; ii) o desenvolvimento não é seletivo, pois opções especificadas são selecionadas de forma natural com base na experiência; iii) em contraste com o princípio *ii*, o processo de aprendizagem perceptual começa com a exposição à Linguagem, período do qual percebe-se padrões, exploram-se propriedades estatísticas e, as crianças, sofrem alterações perceptuais por essa experiência; iv) a imitação liga a percepção da fala a produção precoce, assim como também as informações auditivas, visuais e motoras são registradas por categorias de fala; v) adultos, ao falarem com bebês, mudam sua forma de comunicação inconscientemente para adaptar às estratégias de aprendizado das crianças, papel fundamental para mapear a fala dos bebês; vi) o período crítico para a linguagem é influenciado não apenas pelo tempo, mas também, o comprometimento neural resultante da experiência, tem papel fundamental.

Abordemos cada uma:

I - Inicialmente, os bebês analisam unidades básicas de fala e adquirem unidades superiores a partir de suas combinações

Ao mapear a percepção fonética nas crianças, perceberam capacidade biológica para detecção fonética, ou seja, uma habilidade inata em todas as línguas testadas, desde americanas, ao som de “lake” às japonesas, “rake”. Sabe-se que os japoneses têm dificuldade com certas pronúncias, a exemplo das sílabas “la” com “ra”. Os adultos nipônicos não conseguem discernir entre essas duas categorias silábicas, contudo, nas crianças do

¹⁶ Corrente que defende que o ser humano é uma máquina que responde a condicionamentos psicológicos.

experimento, a discriminação ocorreu. Não só na língua em exemplificação, mas em todas as línguas usadas.

Um experimento comparativo entre crianças e macacos mostrou similaridade na percepção auditiva. Desse experimento, duas conclusões. Primeiramente, a capacidade analítica das unidades fonéticas dos bebês são uma capacidade discriminativa que podem ser explicadas por um mecanismo geral de processamento, e não um evoluído para a fala. “A diferenciação das unidades básicas da fala não implica conhecimento *a priori* das unidades fonéticas, apenas a capacidade de detectar as diferenças entre elas.” (KUHL, 2000, 11851)

Em segundo, a detecção de diferenças acústicas, feita pelo mecanismo perceptivo, influenciou a seleção das unidades fonéticas básicas para a utilização na evolução da linguagem. Assim, percebeu que características particulares foram exploradas na evolução da linguagem. Além do mais, a percepção categórica, isto é, a capacidade de selecionar e compartilhar categoricamente¹⁷, foi acionada com estímulos diversos, não específicos, que imitaram os sons sem perceberem as influências como fala. Logo, os mecanismos de domínio são os maiores responsáveis pelo compartilhamento inicial das unidades fonéticas básicas da linguagem.

II - Desenvolvimento não é seletivo

O modelo de desenvolvimento seletivo sugere a existência de uma rede neural inata capaz de ser acionada pela entrada da linguagem, isto é, a experiência linguística produziria a manutenção ou perda das unidades fonéticas. Assim, se ocorresse o estímulo pela linguagem ambiente, natural, a rede seria mantida, caso não, atrofiar-se-ia.

Contudo, dados sugerem que não há perda, ou atrofia, das unidades fonéticas não usadas. Algumas sugestões do porquê disso residem na capacidade de técnicas que minimizam os efeitos da memória, e o treinamento extensivo. Logo, a atrofia não é imutável nos casos de línguas diferentes da linguagem materna.

III – Estratégia de aprendizado das crianças mapeia a entrada da Linguagem

Independentemente do fracasso behaviorista, a teoria de aprendizado para a aquisição da linguagem ganhou destaque com as novas descobertas contemporâneas. Assim sendo, nas últimas duas décadas, percebeu-se que o simples ato de ouvir uma língua, pelas

¹⁷ Categorização é um conceito da Linguística Cognitiva que exemplifica a nossa capacidade de separar conceitos por categorias semânticas similares.

crianças, proporciona sofisticadas informações sobre as propriedades linguísticas e, assim, novas estratégias de aprendizado.

A estratégia de aprendizado parte, primeiro, da percepção de padrões de entrada da linguagem. Segundo, elas exploram estatisticamente as propriedades linguísticas para, assim, identificar unidades de ordem superior. Ou seja, os bebês percebem, manipulam, distribuem as informações contidas na linguagem materna para desenvolver funções de articulações superiores. Em terceiro:

a percepção infantil é alterada – literalmente deformada – pela experiência para melhorar a percepção da linguagem. Nenhum falante, de qualquer idioma, percebe a realidade acústica; em cada caso, a percepção é alterada ao serviço da linguagem. (KUHL, 2000, 11852)

IV – O aprendizado vocal unifica percepção e produção

Crianças, bebês de 0 a 12 meses, não apenas aprendem as características das línguas maternas, como também se tornam nativos dela e, para isso, requerem um processo de imitação dos padrões que escutem dos outros falantes nativos. O período crítico depende da percepção dos nativos falando e também da própria produção de sons.

Assim, existe uma forte dependência entre percepção e produção. Aprendizados de outras línguas muito após esse período crítico, em adolescentes por exemplo, demonstram a dificuldade de se abster de características, o “sotaque”, da língua materna. Com 12 meses de vida, as crianças imitam espontaneamente os padrões da língua materna. Logo, a memória é acionada para armazenar as representações linguísticas nativas e serem acionadas para uso constante. Uma problematização é o alcance da memória para o uso da linguagem, ou a linguagem para acessar as memórias.

V – Infantilização do ato de fala é instrutiva

O ato de fala de um adulto que adapta o tom de voz e o estilo de fala mostrou-se promissor, preferível até. Os dados demonstram que essa conduta permite maior discriminação para as crianças da língua nativa, além de destacar as intensidades e os parâmetros essenciais da língua nativa, materna. Essa forma de comunicação mais próxima permite o aprendizado de novas palavras e novos contextos importantes para a manipulação conceitual. Quando a comunicação ocorre no campo pragmático infantil, nas regras dos bebês, auxiliam-nos a mapear as entradas da língua nativa.

VI – O aprendizado da linguagem no Período Crítico depende também da experiência, não apenas tempo.

Os dados obtidos sugerem que o aprendizado futuro de uma segunda ou terceira língua limitar-se-á ao mapeamento da primeira língua. Ocorre uma limitação estrutural de uma na outra. “Por exemplo, se o aprendizado envolve a criação de mapas mentais para a fala, como sugerido pelo Modelo Magnético da Língua Nativa, é provável que ‘comprometa’ a estrutura neural de alguma forma” (KUHL, 2000, 11855).

Perceberam uma mudança na percepção dos contrastes neurológicos entre crianças de 6 meses a 12 meses de idade. Naqueles, o contraste existe entre línguas nativas, maternas, e não nativas; nestes o contraste do modelo ocorreu apenas nas línguas nativas. Ou seja, o processamento de informação da linguagem depende da conformidade com o padrão da estrutura já aprendida.

Assim, o aprendizado de uma segunda língua, após o período crítico, depende da criação, ou surgimento, de um segundo mapa estratégico conceitual. Não há necessidade de reforço ou correção, apenas o tipo certo de experiência proporcionaria o aprendizado do novo mapa conceitual. Esse mapa conceitual desenvolve-se da própria forma da linguagem a ser aprendida. O português brasileiro pede um tipo de mapa conceitual, assim como uma outra língua qualquer. Porém, essa exposição ultrapassa o nível formal de uma comunidade linguística. Trata-se então de exposição em todos os níveis linguísticos, desde o nível formal, até o informal, pois a língua de um povo é um abstrato construído socialmente. Logo, percebemos a importância da segunda hélice da evolução, a Cultura.

Além do mais, como já informado no início desse estudo, quando se aprende duas línguas durante o período crítico infantil, a rede neural usada é a mesma. Uma língua é sobreposta a outra com o mesmo mecanismo, mas não se confundem. Agora, quando ocorre após o período crítico, o mecanismo se diferencia da língua nativa, materna: a rede neural é outra.

No fim, cada linguagem possui um mapa conceitual próprio que influencia na rede neural. Contudo, a influência mais direta ocorre nos primeiros meses de vida como uma integração e circularidade entre aprendizado social e competência neurobiológica.

CAPÍTULO 2 – DA LINGUAGEM E SUA FUNÇÃO PARA O PENSAMENTO.

2.1 - Conceitos básicos

Depois de vermos, no primeiro capítulo, o provável percurso da nossa espécie para alcançarmos os níveis necessários para o surgimento da linguagem, abordaremos o teor fundamental, o objetivo primordial desse trabalho: *qual a função da Linguagem para o Pensamento? Existiria Pensamento sem Linguagem?*

Muitos são os que perseguem esse objetivo, e Fodor defende a ideia de que a Linguagem Pública representaria a Linguagem Interna. A sua Teoria Representacional da Mente – TRM – sugere princípios básicos e abordagens, na época, inovadoras, mas não menos polêmicas. No mínimo, o assunto pode ser relacionado como um “manguenzal” por ser de difícil pacificação, resolução ou definição definitiva, e multitemática. Longe de mim tentar “apaziguar” anos de discussão e controvérsias.

O intuito desse capítulo é abordar a ideia fundamental de Fodor e sua Teoria Representacional da Mente. Logo, a evolução do capítulo será dada pela “defesa” dessa ideia com contra-argumentos pontuais de minha parte. A reinterpretação final será dada após, na conclusão. Portanto, vamos a compreensão de Fodor.

Em qualquer momento de uma investigação que aborda a Mente Humana, indubitavelmente, relacionar-se-á com a Linguagem. É impossível procurar formas de pensamento humano desvinculada de alguma forma de significante e significado. Mas, além disso, acredito que a Linguagem, com todas as forças que a influenciam, também molda a forma como a nossa Arquitetura Mental (Mapas Conceituais, Categorização entre outros termos) se sustenta e funciona.

Resumidamente, as articulações morfossintáticas, as relações culturais influenciadoras na Linguagem, determinam a lógica causal dos processos mentais, além de dar significado a Estados Mentais como a Dor, Medo, Ansiedade entre outros.

Nas próximas páginas, abordarei as teorias de Fodor que pressupõem essa afirmação, assim como uma tentativa de integrar espectros tão opostos como o inatismo e o pragmatismo. De início, vejo-me obrigado, pelo método proposto nesse trabalho, de apresentar uma definição

humilde do que é Linguagem. Sempre, claro, buscando dialogar com o que vimos no capítulo 1. Por fim, vamos à “luta”.

2.1.1 – O que é Linguagem?

Seguindo o percurso para demonstrar a importância da Linguagem para o Pensamento, faz-se necessário alguma definição do que seria a Linguagem. No entanto, séculos dessa discussão não serão aqui esgotadas; assim sendo, o intuito é apenas definir preliminarmente uma forma de interpretar a Linguagem a partir de agora.

Primeiramente, a linguagem serve para comunicar. E comunicar um pensamento claramente não é tão fácil quanto se faz parecer de início. Um fator importantíssimo para essa tarefa, é tê-la bem formulada na mente. Ela deve ser clara e precisa. E de novo, não é tão simples quanto parece. Para comunicar “algo”, acredito que sejam necessárias algumas etapas: 1) ter uma ideia ou pensamento a ser exibido; 2) organizá-la apropriadamente e claramente; 3) ter conhecimento suficiente de ferramentas para a demonstração.

Ter uma boa ideia é um processo dispendioso de energia e paciência. Debruçar-se sobre ela para análise crítica é no mínimo obrigatório. Mas, o que faz surgir uma ideia? Como evoluí-la? Melhorá-la? Só essas três perguntas já demonstram o nível de dificuldade do assunto. Talvez, a *palavra* seja a forma pública de um determinado significado, construído culturalmente. A Linguagem assim socializa determinada interpretação. Logo, a partir do aprendizado dessa palavra, desse signo, o referencial particular se equilibra com o comunitário. A Linguagem, com todos os seus níveis, acaba dando Significado a estados mentais, emoções, e nos permite transmitir pensamento e socializar.

Posso concluir que não pensamos diferente do significado das palavras que conhecemos. Quando pensamos, o fazemos com palavras e o que elas significam e na língua que conhecemos.

A mente é regulada a partir de palavras. Nosso modo de ver a realidade – hábitos, relações, emoções – tudo advém da nossa percepção do mundo. Existe uma carga cognitiva de aprendizado da realidade que acompanha o vínculo entre o símbolo que demonstra um significado. Quanto mais vocabulários conhecemos, quanto mais relações sintáticas e semânticas percebemos, mais “alargamos” nossa mente e mais claramente ela trabalha.

Uma atitude mental coerente, construída com ferramentas semântica-lógicas bem interligadas e estruturadas, acaba por refletir na atitude moral do sujeito pensante. Não obstante, um vocabulário abrangente possibilita e auxilia em uma percepção mental com maior

significado e maior compreensão dos nossos estados mentais. A união do vocabulário ao aprendizado da morfossintaxe de uma língua pública possibilita o exercício para uma atitude mental mais coerente e sistemática.

A nossa linguagem, como já tem sido assinalado, consiste em algo absolutamente singular, tendo surgido a partir de três sistemas adaptativos que interagem entre si: a evolução biológica, a transmissão cultural e o aprendizado individual. Todos eles constituem sistemas adaptativos que modificam a informação para adequá-la a uma função objetiva. (SARAIVA, 2014, pág. 64)

2.2 – Linguagem do Pensamento – LOT

I – Principais Argumentos sobre a Linguagem do Pensamento

Fodor racionaliza que, para haver processos cognitivos, existiria modelos computacionais para tal, entretantes, esses modelos computacionais só funcionariam a partir da representação, no caso, um sistema representacional.

O objetivo é demonstrar que a estrutura geral presume processos computacionais subjacentes a um sistema representacional que os realiza, sem entrar em detalhes de processos cognitivos. Portanto, a mente possui processos psicológicos, químicos e biológicos, e um sistema que os representa. Esse sistema seria a TRM, logo, uma Linguagem Interna. Vamos ao estudo que tenta demonstrar essa teoria.

Há crença no comportamento do organismo, e ela cria um vínculo de resultado esperado deste comportamento. Ao encontrar-se em determinada situação, o sujeito pensante acredita em um determinado comportamento em resposta, assim, determinada consequência é esperada.

A partir dessas situações, percebe-se uma computação de uma série de hipóteses, onde a consequência é resultado da soma da crença e do comportamento do agente. No entanto, hipóteses e probabilidades dependem do conhecimento prévio do agente. Parece-me que o modelo envolve um pragmatismo situacional, e crença em uma dedução de um resultado esperado.

O modelo criado por Fodor demonstra uma noção de tentativa a base da experiência. Logo, a escolha comportamental será determinada em função das preferências e possibilidades atribuídas pelo próprio sujeito, ou seja, da sua experiência. Contudo, a aprendizagem prévia, e a crença nessa informação recebida por outros, pode desenvolver uma crença anterior a experiência. Logo, a preferência vem a ser subjetiva.

Importante ressaltar que Fodor deixa bem claro que não se trata de uma teoria, mas sim um escopo teórico. Modelo altamente idealizado, dita que o agente nem sempre contemplará todas as opções. Em suma, não esperamos que o agente, na situação, deduzirá e racionalizará todas as opções viáveis; na verdade, é bem claro a impossibilidade disso, mas sim que o agente se comportará por determinada crença.

O agente vê seu comportamento como “tipos” comportamentais. Para o modelo funcionar o agente (A) deve acreditar em um comportamento de resultado (N) ser um tipo comportamental.

Um comportamento pretendido por um agente depende de três crenças: *i) na crença do resultado e na valorização do resultado por esse agente; ii) essa crença será falsa, caso a descrição fosse substituída por um token; iii) é plausível hipotetizar mecanismos cujas operações representariam os aspectos em que os comportamentos observados e os comportamentos pretendidos se diferem.*

A compreensão leva em consideração, além do resultado positivo frente ao fato observado, o comportamento falho, frustrado. Só se pode ir por esse caminho ao assumir um sistema representacional do agente. Significa dizer que, ao observar a situação, o agente faz representações significativas para alcançar o resultado que ele acredita ser o correto.

Fodor deseja demonstrar que padrões centrais de explicação psicológicas pressupõem a disponibilidade de algum tipo de sistema representacional para o comportamento do organismo. Haverá, assim, uma ênfase no significado da representação do organismo, e seu comportamento, para explicar suas ações.

O modelo aprova que o organismo possui meios para representação, não apenas em suas opções comportamentais: *(i) a provável consequência nessas opções, (ii) a preferência de ordem definida sobre aquelas consequências e (iii) a original situação onde o sujeito se encontra.*

Para acesso ao modelo, o agente necessitaria de um sistema representacional complexo e forte o bastante para alcançar todos os níveis necessários a um bom desempenho. A performance do agente seria consequência computacional definida sobre representações de suas possíveis ações.

Assim sendo, “sem representação, sem computação; sem computação, sem modelo” (FODOR, 1976, pag. 31).¹⁸

Essa representação suporia uma Linguagem Interna, que seria uma representação do modelo. E esse sistema possuiria características da Língua Natural, da Linguagem Pública, com duas de suas propriedades.

Primeiramente, igual a língua natural, existiria uma infinidade de representações distintas. Não há limite para a complexidade de uma frase usada para fazer uma declaração, então, no primeiro caso, não há limite para a complexidade da representação necessária para especificar as opções disponíveis para ao agente, ou na situação que se encontra, ou nas consequências de sua atitude.

Por ser uma forma idealizada da capacidade do sistema representacional apresentado, poderíamos dizer que ela seria arbitrária, mas não. “Infere-se a produtividade da língua natural da habilidade de ‘falantes/ouvintes’ de ‘produzir/entender’ sentenças desconhecidas anteriormente” (ibid, pag. 31).¹⁹

Precisamente, o mesmo pode ser afirmado da produtividade recursal das representações internas do agente. Habilidade computacional de ações apropriadas a determinada situação nunca antes vista.

A possibilidade de representação pressupõe igualdade semântica, propriedades de verdades e referencias, as quais são exibidas por formulas no sistema representacional.

Deve-se supor que, além da capacidade racional, haverá a capacidade de descrição do real e seus possíveis estados. Assim, as noções de descrição, verdade, e referência são inseparáveis.

Em particular, ações calculadas pressupõem decisões entre possíveis resultados. Logo, o sistema representacional usado para tanto saberia distinguir entre possíveis estados de coisas. Portanto, existe algum mecanismo disponível para o sistema representacional; e Fodor afirma que “paralelo a isso, a conclusão é de que tal mecanismo está disponível na língua natural”. (ibid, pag. 32)²⁰

¹⁸ No representations, no computations. No computations, no model.

¹⁹ Thus, we infer the productivity of natural languages from the speaker/hearer's ability to produce/understand sentences on which he was not specifically trained.

²⁰ ...parallel to those that lead us to think that some such mechanisms are available to natural languages.

Ele faz uma dura crítica aos Behavioristas por suporem que um comportamento seria uma resposta condicionada a *inputs*. Quando na verdade, respostas, para ele, seriam resultados. O que eles desprezariam é que agentes podem contemplar suas opções de acordo com a situação e suas crenças.

Para Fodor, Linguagem Natural é a representação da função computacional da mente. Computação é a habilidade natural da mente humana de acessar *inputs* e gerar *outputs*, e com isso fazer uma espécie de seleção lógica para um determinado fim, uma intenção. A forma de compreensão e o mecanismo tem a linguagem como representação.

1.1. Quais propriedades o sistema representacional possui?

Percebemos até agora que a representação pressupõe uma recursividade necessária para selecionar os inputs e outputs. Contudo, considera-se, além da recursividade, o conceito de Aprendizagem e a Percepção. Ambas as três são necessárias para o sistema representacional.

Considere que o aprendizado de alguma forma ultrapassa os dados experienciais: isso quer dizer que, quando se aprende algo não há necessidade de experiência novamente; não obstante, o que se lembra dessa experiência se esgota o aprendizado dela. Isso quer dizer que ao lembrar de algo, estou trazendo à tona o que aprendi dela. Só se aprende o que se lembra desse aprendizado.

Portanto, aprender significa passar por um processo de hipótese e confirmação, essencialmente.

Fazemos uma diagramação dos dados. Acontece que o agente consegue extrapolar a computação no diagrama tomada pela experiência. Esse é o senso no qual o que se aprende supera o que aprendemos na experiência.

Logo, o comportamento dependerá da relação de confirmação entre a informação, o dado, e a hipótese. Não obstante, exigimos informações sobre como representaremos essa computação, durante a aprendizagem.

Agora, uma grande explicação se faz necessária de como o Aprendizado gera crenças necessárias a partir de situações contingentes. Nada me garante que acordarei vivo para entregar esse Trabalho de Conclusão de Curso; contudo, minha crença que isso ocorrerá parte de experiência de acordar todo dia, porém, isso não a faz necessária, tautológica. O que uma teoria da Aprendizagem tem de explicar é o porquê as experiências de “x são F” levam o organismo a acreditar que “todos x são F”.

O termo “todos” possui uma carga de compreensão de um estado abstrato. Possuímos com ele a capacidade de generalizar uma característica presente em todos os indivíduos de uma classe. Porém, essa informação, essa intensionalidade, ultrapassa o nível empírico. É impossível saber se “todos os homens têm cabelo”, ao contrário, sabemos que não; mas conseguimos generalizar graças a intensionalidade de “todos”. E essa taxonomia só poderia ser dada graças a Língua Pública.

Fodor diz que o agente, eu no caso, representa essas experiências como ‘x são F’, o que gera uma crença generalizante, há uma ação de confirmar essa causalidade como “todo x são F”.

A Aprendizagem determina a relação de confirmação e, ao fazer isso, comprometemo-nos com um sistema representacional, o qual calcula o grau de acerto. Já a indução seria uma forma de inferências não demonstrativas. Isso significa que, para qualquer tentativa t, existirá muitos valores não-equivalentes de P que serão compatíveis com o diagrama criado pela aprendizagem. Se o organismo extrapolar a sua experiência, precisará de um caminho para escolher entre essas muitas opções.

Fica claro que a Aprendizagem é um modelo, onde primeiramente há uma relação de confirmação entre propriedades e testes empíricos, e, segundo, um processo de extrapolação indutiva dada pela sintaxe dos casos observáveis e não observáveis. (ibid, n.p.)

Para o aprender, preferimos, muitas vezes, representações conjuntivas afirmativas. Achamos mais fácil classificar um triângulo vermelho do que aprender a classificar um não-triângulo ou um objeto vermelho qualquer. A categorização se dá por acréscimo. Mas quando se classifica um, acaba classificando o outro.

Contudo, escolhemos aquele como instancia positiva e esse como negativa. Isso demonstra que as representações internas podem ser diferentes de acordo com a subjetividade do agente. “A diferença na performance do sujeito é qual dessas escolhas ele se leva a fazer, do jeito que ele representa as escolhas.” (ibid, pag. 40)²¹ Ao considerar a capacidade de aprendizado como, essencialmente, extrapolação indutiva, postulamos um sistema representacional.

Aprendizagem é essencialmente indução. Então, uma teoria de Aprendizagem exibirá os traços característicos indutivos. Aprendizagem, logo, pressupõe: *i) uma forma de*

²¹ What makes the difference in the subject's performance is which of these choices he takes himself to be making.

representar o conhecimento experiencial; ii) hipóteses de previsão e iii) uma forma de determinar o nível de confirmação da diagramação para uma dada hipótese.

Aceitar que Aprendizagem “vai além dos dados” e envolve inferência indutiva é aceitar uma forma representacional que vai além da indução. Logo, uma Linguagem. Uma vez que i) um argumento indutivo é justificado somente na medida em que as declarações de observação constituem suas premissas e confirmam a hipótese, o que constitui uma conclusão; ii) se esta relação de confirmação se mantém entre as premissas, depende, pelo menos em parte, da forma das premissas e da conclusão; iii) a noção de forma é definida apenas por objetos linguísticos: por representação.

A outra visão para a teoria da Linguagem da Mente é a Percepção e suas predisposições empíricas e epistemológicas.

1.2. Modelos de percepção:

Modelos de Percepção precisam de uma representação dos dados percebidos. Uma fonte para representar as hipóteses e extrapolar as informações recebidas pelo Cérebro. Além de um mecanismo que manipule essa métrica seletiva de hipóteses.

Descrever, na Língua Natural, sensações de objetos físicos é um comprometimento a estados ainda por vir, um vínculo entre signo e significado. Essas sensações são também denominadas de *qualia*. *Qualia* é o nome que damos as sensações do tipo o vermelhidão da cor vermelha que é percebida pelo sistema ocular, a sensação da dor entre outros. Uma grande discussão é o local em que se percebe essas *qualia*, se é no cérebro ou no local afetado pelo fenômeno.

Para muitos empiristas, as características de definição dessa linguagem de dados, e ao que se referem, são também referentes a *qualia*. Dizer algo sobre *qualia* é fornecer embasamento para declarações de objetos físicos. Ou seja, dada uma descrição da experiência, da sensação, formulada em uma linguagem, devemos de alguma forma escolher essa redescrição em termos físicos do objeto que as experiências confirmam.

Somente ao fazê-lo, ele pode ter certeza de que a maioria das expectativas sobre o futuro de experiências hipotéticas, às quais, seus julgamentos perceptivos o comprometem provavelmente verdadeiros. (ibid, pag. 43)²²

²² Only by doing so can he be rationally assured that most of the expectations about future or hypothetical experiences to which his perceptual judgement commit him are likely.

Se descrevo X em termos de *qualia*, não me comprometo a nada, nem no futuro e no passado. Mas, se descrevo X em termos de ‘mesa’ e seus parentes lógicos, então estou comprometido, pois não-X não pode ser uma ‘mesa’, a menos que ele funcione de forma razoavelmente ‘mesa’ ao longo do tempo – perceptível que a regra lógica da não contradição garante esse fenômeno.

Então, afirmar que a experiência de ‘X é uma mesa’, fará um vínculo com o comportamento; em particular, limita-se implicitamente garantias sobre as sensações que dele irá, ou deverá fornecer.

Linkar sensações, vinculá-las, a termos específicos – vou chamar de vocabulário – garante uma união semântica que produzirá efeitos futuros. Uma vez que – quando descrevo madeira como ‘dura e marrom, e se acha na floresta, e quando seca se taca fogo’ – não é o suficiente para garantir compreensão futura. Mas, quando *linkado*, vinculado, ao vocábulo “madeira”, garantimos a compreensão da semântica a ser transmitida.

Assim, posso concluir da análise fodoriana que percepção envolve hipóteses de formação e confirmação, assim como representação internamente, em um vocabulário, uma sensação que confirmou determinada hipótese.

Fodor divide a teoria empirista da Percepção em dois caminhos: primeiro como um relato da justificação das crenças perceptivas e, segundo, como uma psicologia da integração das percepções.

A discussão de Fodor a respeito desse tema gira na tentativa de uma justificação e garantir a certeza da experiência para o vínculo necessário da semântica com a sintaxe. A ideia era que não se poderia saber os estados físicos dos objetos, se são verdadeiros, a menos se tivesse certeza sobre os dados; e não se poderia ter certeza dos estados dos dados, se fosse possível falseá-los.

A certeza dos dados advém do julgamento perceptivos e das crenças nos resultados das hipóteses. Da mesma forma, as experiências de *qualia* devem ser eventos conscientes porque as declarações que tais experiências confirmam são as premissas do sistema.

Existe uma correlação experiencial do ambiente e do agente. A percepção experienciada pelo agente pode ser, e é, regulada por algum mecanismo perceptivo. A informação causal, dada pela interação, é uma instancia física da propriedade que o agente percebe do ambiente. Ocorre um reducionismo do fenômeno à resultados biológicos. Os *outputs*

são descrições físicas, mas os julgamentos podem ser articulados no vocabulário descritivo de tais sensações físicas.

Descobrir se os processos psicológicos são processos computacionais, quando Fodor escreveu o LOT, tratava-se de uma conjectura empírica, não obstante, com o avanço da tecnologia, percebemos que ele tinha razão como demonstrado no artigo citado por esse trabalho: Nova visão de Aquisição da Linguagem.

Percebemos que a descrição do ambiente não é formulada em vocabulário, mas a computação ocorre por manipulação desse vocabulário, manipulação linguística. O ambiente é percebido pelo agente, por suas sensações, mas é calculada por um vocabulário, cujos termos designam variáveis físicas. Logo, a análise perceptual não é determinada apenas pelas sensações, mas também pelo conhecimento pertencente ao agente.

Fodor conclui que percepção pressupõe também uma representação. E volta ao ponto anterior de que os processos psicológicos são tipicamente computacionais, e a computação pressupõe um meio para representar as estruturas sobre as quais as operações computacionais são definidas.

Afirma ainda que os modelos disponíveis de decisão, aprendizado e percepção são fenômenos computacionais e, logo, necessitam que um organismo tenha acesso a uma Linguagem para realização dos cálculos.

Parece-me interessante ressaltar, que o mesmo autor adverte da possibilidade de falar, não de linguagem do pensamento, mas sim uma linguagem computacional. Ressalva-se, de minha parte, a possibilidade do estado de consciência e percepção vir do organismo do agente, mas a capacidade lógica do pensamento adviria da capacidade computacional, da representação linguística, a qual seria o resultado da evolução cognitiva ocorrida na espécie humana.

II – Linguagem Privada e Linguagem Pública

II.1. Por que tem que haver uma linguagem privada?

Para qualquer teoria de processos cognitivos, existirá uma representação do organismo a respeito das respostas na interação com ambiente. Fodor resume ao dizer que, para simbolizar algum processo de resposta no indivíduo, existirá símbolos que o representa. Logo, representação interna necessitaria de uma Linguagem Interna.

Muitos filósofos, psicólogos e cientistas cognitivos afirmavam que, além de expressar os pensamentos, a linguagem natural, doravante linguagem pública, é a forma do pensamento

de um indivíduo. Fodor discorda e ressalta a necessidade de reviver a linguagem interna. Para ele, uma vez que existe organismos não-verbais pensantes, já cairia a hipótese de só existir pensamento se existisse linguagem pública. Quando se confronta a teoria de Fodor com crianças no estado pré-verbal, por exemplo, que possuem pensamento, mas não linguagem pública, percebe-se a existência de meios de realizar o processo, o qual se daria por meios dos modelos computacionais e seu sistema representacional.

Fodor traz a dificuldade de aprendizado a partir das conjunções e disjunções, e afirma uma certa familiaridade com essa dificuldade entre organismos infraverbais e o nosso sistema de representação. Em suma, parece ser o comportamento, e não a linguística, que exige a hipótese entre esses tipos de aprendizagem.

Para ele, um conceito é aprendido pela formação e confirmação de hipótese, e aprender conceitos seria por meio de “sentenças de L”. Vale observar o avanço nos estudos de Linguagem e Cognição. Há hoje uma ferramenta útil, influenciada por Fodor, e que se alinha ao pensamento do filósofo: a Linguística Cognitiva, onde várias situações apresentadas nesse capítulo achariam resolução nessa teoria.

Ele propõe três garantias: *i) o aprendizado de uma primeira língua é por meio de formação e confirmação de hipótese; ii) que aprendê-la envolve aprender suas propriedades semânticas; e iii) o agente aprende as propriedades semânticas de P, se aprender alguma generalização da extensão de P.* Novamente, encontramos respaldo no capítulo 1 desse trabalho.

Fodor trata de abordar os erros principais da sua teoria. Há três deles. Primeiro, não é fundamental para seu argumento identificar as propriedades semânticas de P e a aprendizagem da regra de verdade. Em segundo, dizer que se aprendeu uma regra de verdade para o predicado é dizer que ele não aprendeu o procedimento de confirmação para a utilização do predicado. E terceiro, se houvesse qualquer apontamento para o que está envolvido, ter-se-iam alternativas para as regras de aprendizado do predicado.

Fodor confronta as compreensões do intensionalistas e extensionalistas. Ele afirma que, mesmo os extensionalistas acreditando que as propriedades de P determinam sua extensão, e os intensionalistas acreditarem que as propriedades de P determinam sua intensão e os erros, as extensões, ambos concordariam com a sua afirmação.

Para ele, uma vez que uma das condições for satisfeita, a outra também o será, e isso resolve o impasse. No entanto, há quem diga que as extensões e intensões não deteriam as

propriedades de P, e que tais oposições estariam a mercê de descobertas empíricas. A argumentação para não se envolver nesse embate é “que você não pode aprender um idioma cujos termos expressam propriedades semânticas não expressadas em algum idioma já aprendido”.(ibid, pag. 61)²³

Embora a literatura exigisse tal situação, não há necessidade de confirmação na questão do aprendizado da generalização. Não obstante, as fórmulas de aprendizado, se são verdade ou não, são essenciais para aprendizado de uma língua. No fim, não haveria nada que comprovaria o uso de regras para o uso da linguagem, mas sugere que predicados de um idioma devem ter uma determinada aplicabilidade a todos os objetos de predicação.

Ele ainda assumiu que aprender um predicado é também aprender a extensão da sua predicação. Portanto, aprender uma língua é aprender o significado dos predicados e sua extensão.

No entanto, para aprender um predicado P de uma outra língua, só seria possível se existisse algum predicado R que já o representasse. Logo, só se pode aprender alguma língua se já possuir uma língua, algum sistema para representar os predicados e suas extensões.

Por conseguinte, parece correto dizer que algumas operações cognitivas são realizadas por uma linguagem que não seja a língua natural. Parece-me claro o que Fodor quer dizer: haveria a necessidade de recursos linguísticos primários para o surgimento de uma outra língua. O que é problemático de se afirmar, uma vez que nossa espécie, a partir de determinada idade, não consegue assimilar qualquer tipo de linguagem, estando em vivência o tempo que for, sem antes ter experienciado algum tipo de contato linguístico.

Ao lembrarmos da história de Tarzan, gostaria de usar o filme da Disney para esse exemplo, uma criança que nunca passou por uma experiência linguística tipicamente humana, apenas símia. Poderíamos racionalizar que a comunicação desenvolvida entre ele e a Jane na famosa parte de percepção das similaridades biológicas, dar-se-á via uma protolinguagem intencional. Contudo, o aprendizado posterior seria limitado, pois Tarzan não possuiria os recursos linguísticos necessários, adquiridos no período crítico.

Caso existisse uma Linguagem Interna, própria da espécie, capaz de influenciar no surgimento da Linguagem Pública, ou seja, o “mentalês”, Tarzan conseguiria aprender a língua pública da Jane, o inglês, com incrível facilidade, ou no mínimo um esforço em demasia. Mas,

²³ That you cannot learn a language whose terms express semantic roerties not expressed by the terms of some language you are already able to use.

saindo do fantasioso, vários exemplos reais demonstram que não é esse o caso, como demonstrado no capítulo 1. Além disso, fica a indagação de que, se é necessária uma metalinguagem para a aquisição de uma outra linguagem, de onde viria essa metalinguagem?

Portanto, corremos o risco de cair em uma regressão infinita. Se é necessária uma linguagem para aprender outra, então existiria uma regressão de metalinguagem à meta--metalinguagem etc. Para responder a essa objeção, a resposta seria que a existência de uma linguagem do pensamento conhecida, e não aprendida, ou seja, interna. Não obstante, essa competência, caso seja real, estaria em todos os níveis e etapas de aprendizagem, o que não é o caso.

Outra objeção é o entendimento em relação entre o predicado e sua extensão. Se entender um predicado envolve representar a sua extensão em alguma outra língua, como entender os predicados da metalinguagem? Na verdade, não existe comprometimento de que a linguagem do pensamento é aprendida, mas sim que é entendida e está disponível como veículo dos processos cognitivos.

Nas relações de aprendizagem do predicado, Fodor aborda a idealização de “computabilidade”; onde existiria linguagem de entrada e saída; codificando as informações ambientais entre as duas línguas em vigor, especificando bicondicionais. As linguagens públicas dariam os predicados pela via da aprendizagem, e a linguagem do pensamento seria a forma como pensam.

Usar o termo “computador” para exemplificar os mecanismos da linguagem do pensamento não me agrada justamente pelo avanço das ciências cognitivas, mas expandindo o termo usado, e os processos a que Fodor se refere, é interessante. E, se a lógica do pensamento for computacional, de característica própria, e a Linguagem Pública for a representação desses cálculos, então Fodor está certo nesse percurso.

Para ele, os organismos não têm apenas as línguas naturais, mas também uma língua privada que realiza os processos internos. Contudo, necessitamos de atenção para não cair na língua privada apontada por Wittgenstein.

De início, deve-se apontar a diferença entre a tão discutida argumentação feita por Wittgenstein e a proposta por Fodor.

A princípio, Fodor argumenta a favor da língua privada embasado na linguagem computacional. No entanto, essa ênfase é necessária para evoluir no argumento de defesa.

Wittgenstein caracteriza de duas maneiras o que seria a língua privada: i) termos se referem a coisas que somente o falante pode experimentar; ii) ou termos que não possuem critérios públicos, regras convencionais. Basicamente, essas são as possibilidades de uma língua privada. Contudo, suponha que exista um determinado evento e minha crença nele, em seguida, percebe-se duas possibilidades: ou existe alguma evidência para mostrar a veracidade ao usar o termo de descrição do evento, ou não existe.

Agora, suponhamos a existência de tal evidência. Logo, se a evidência existe ela não é privada, ao menos em princípio, e também se a aplicação de uma língua existe, ela é pública e não privada. Na segunda possibilidade, não há nada que demonstre corretamente e caracterize as sensações ocorridas no sujeito. Se não existir a evidência, logo não haverá diferença no valor de verdade do termo e nenhuma diferença em sua aplicabilidade. Por definição de “convenção”, aderir a ela ou não, não seria convenção. Logo, um termo convencionado é um termo que pode ser usado ao acaso, e um termo aleatório não é um termo. Conclui-se que sem termos não há idioma, logo, não há língua privada.

Contudo, a hipótese de língua privada de Fodor passaria no segundo teste, mas não no primeiro. Ou seja, certamente os termos da língua do pensamento não são determinados por convenções públicas – e aqui eu discordo – embora não exista nada a impedir a suposição dos termos se aplicarem a eventos privados. Agora, como evitar o risco de cair no argumento de Wittgenstein?

Para o autor, o argumento contra a sua teoria não surtiria efeito, uma vez que um mentalista não precisaria assumir que suas operações mentais exibissem uma privacidade epistêmica. No fim, eventos neurológicos são públicos. O estado mental é privado, mas a significação é pública.

Uma vez a língua do pensamento ser inata, não existirá obrigação de mostrar como seria ensinado ou aprendido algum termo. Em segundo, evidências de que se usa a língua do pensamento coerentemente pode ser empírica sem ser neurológica: ter o status de melhor explicação disponível, por exemplo, sobre a vida mental do sujeito.

Fodor contrapõe sua hipótese repetidas vezes com erros e acertos. Apontou uma delas ao afirmar que, por mais que o argumento mostre pontos a favor, a menos que exista procedimentos públicos para verificar a coerência do termo, não haverá maneira de saber se foi coerente a aplicação. Computacional ou não, se existe uma linguagem do pensamento, ela é indiferente a crença de sua existência, ela é uma necessidade biológica. Por esse argumento,

percebe-se a necessidade de cruzar o pensamento do Fodor com os avanços feitos pelas neurociências.

O argumento de Fodor é que a coerência não exige relação estável entre termos e o mundo; o que se requer é uma relação equilibrada entre o uso e a crença do falante de como o mundo seja. O agente usa o vocabulário que achar mais coerente de um acervo léxico, guiado pela sua perspectiva.

A língua privada representa o desafio para a língua do pensamento de mostrar a relação a ser mediada por algo diferente da convencional. Para isso, mais uma vez a analogia com a computação: todo dispositivo é um sistema complexo que altera o estado físico de alguma forma determinada pelas leis físicas. É viável essa analogia por abraçar a possibilidade de inventar algum tipo de relação entre os estados físicos do dispositivo de forma a preservar as relações semânticas existentes.

A ideia geral é, pelo meio da analogia computacional, mostrar a possibilidade de interpretar a sequência de eventos que causam a saída como uma derivação computacional ao atribuir a computabilidade aos estados cognitivos.

Para mostrar a familiaridade da língua do pensamento com a psicologia cognitiva, Fodor aponta três pressupostos metodológicos. *1) os estados computacionais atribuíveis aos organismos podem ser implicados como relações entre organismo e fórmulas, fórmulas no código interno. 2) a classe de relações básicas, entre os estados computacionais e o organismo, é pequena* – o que discordo, pois, as Emoções em muito influenciam o agente, independentemente de sua compreensão total ou não.

A psicologia cognitiva visa explicar as atitudes do agente por referência a operações computacionais. Fodor afirma que as teorias cognitivas procuram explicar essas atitudes, e eles o fazem de maneira computacional. Agora, há dois quadros ontológicos, relação agente-proposições e a relação agente-fórmula, e a disposição é que essa causa aquela.

Ao dispor da possibilidade de atribuir atitudes proposicionais a sistemas, finalmente se entende que o sistema usa um idioma qualquer para tal fim. E o uso do idioma se mede por convenções, sintagmáticos e paradigmáticos. O vínculo entre as relações apontadas acima acaba por ser mediado pelas regras que governam a linguagem. Já o código interno é determinado pela estrutura competente do sistema nervoso.

II.2. Como a língua privada deve parecer

De início, Fodor procurou argumentar as mais importantes objeções filosóficas que poderiam levar a considerar o caminho de que aprender uma língua envolve formular e confirmar hipóteses sobre as propriedades semânticas e seus predicados. É importante fazer tal defesa da coerência conceitual dessa visão; ao aceitá-la, assume-se que organismos são capazes de aprender uma língua ao ter acesso prévio a algum tipo de sistema representacional no qual as propriedades podem ser expressas.

Se a definição de verdade para uma língua natural L for qualquer teoria associativa de condições de verdade, então se pode abreviar e dizer: *aprender L envolve aprender sua definição de verdade*. Uma definição de verdade para a língua pública contém uma lista de representações determinativas nas extensões de seus predicados elementares e seu conjunto de regras para definir os predicados complexos a partir dos predicados elementares.

Aprender Linguagem, doravante L, envolve que aprender uma propriedade em que “Px é verdadeiro em Gx” em todas as instâncias de substituição. Ou seja, o termo “cat”, em inglês, só será verdadeiro quando substituir “gato” na língua portuguesa. Logo, aprender uma Linguagem significa aprender a extensão de seus predicados. Repare, aprender P só é possível para um agente que já compreende G. Portanto, aprender P só é possível se já conseguir usar ao menos um predicado coextensivo em P, ou seja, G.

O resultado é que, se aprender uma língua for uma questão de confirmar hipóteses sobre as condições de verdades e sua relação com os predicados, então aprender uma língua pressupõe a capacidade de usar expressões coextensivas com cada um dos predicados elementares da língua aprendida.

Enquanto a visão de que as teorias semânticas são, ou implicam, definições, os filósofos das definições de verdade têm que pensar que aprender uma definição de verdade pode estar envolvido na aprendizagem de uma linguagem. (ibid, pag. 81)²⁴

Ou aprender L é aprender a definição de verdade de L e confirmar hipóteses sobre as condições de verdade sobre os predicados, ou ninguém aprende L, a não ser que já haja o conhecimento de um idioma diferente de L forte o suficiente para expressar as extensões de L. Ou seja, deve haver uma linguagem forte o suficiente para determinar o valor de verdade de

²⁴ While the view that semantic theories are, or entail, truth definitions has a long tradition in the philosophy of language, it is only recently that philosophers have come to think that learning a truth definition may be involved in learning a language.

uma possível extensão em L. Devo concordar com ele, contudo ainda se precisa de uma forma de criar a vinculação entre signo e significado.

Devo continuar a assumir que aprender uma linguagem natural é aprender as regras que determinam as extensões de seus predicados e proceder de forma séria as consequências dessa visão que podem ser evidenciadas. (ibid, pag. 81)²⁵

Certas capacidades cognitivas só poderiam ser possíveis, e possuiriam significado, quando aprendesse o vocabulário respectivo. O termo *Dasein* não possui carga semântica representativa na língua portuguesa, por exemplo. O fragmento da língua aprendida pela primeira vez é essencial para aprender o restante e outras línguas. A primeira língua aprendida é usada para aprender outras; ao meu ver, seria possível explicar a lógica de aprendizado a partir da lógica da primeira gramática, da primeira língua, o que ecoa, no meu entendimento, a teoria representacional do Fodor.

O que ocorre é que poderemos apenas usar o vocabulário de L e sua sintaxe para expressar as condições de verdade de L'. Isso significa que o limite de compreensão da L' é a capacidade de representação desta em L. Contudo, a capacidade de compreensão de L pode ser usada para propósitos de assimilação paulatina por mnemônicos, ou metáforas e metonímias. Torna-se fácil concluir que Fodor acerta ao afirmar essa condição prévia para adquirir uma nova língua. Em níveis atômicos fica simples de compreender esses mecanismos, mas, quanto a conceitos de complexidade elevada, o mecanismo não se daria diretamente e sim por definições interligadas.

Logo, conclui-se, como o exemplo de *Dasein*, a existência de pensamentos exclusivos de um idioma determinado. Quando digo exclusivos quero dizer que há uma compreensão semântica do mundo exclusivo da comunidade linguística. Caso se comprove essa conclusão, aprender uma linguagem contribui para aumentar a complexidade do pensamento. Prova-se isso ao assumir que o pensamento é determinável por mecanismos capazes de uma sensibilidade à forma em que os pensamentos são formulados. Caso a linguagem sirva como representação, como a teoria em questão, os mecanismos dessa Linguagem influenciariam o pensamento.

Não se pode usar a definição D para entender a palavra W a menos que (a) 'W significa D' seja verdade e (b) se entenda D. Mas se (a) estiver satisfeito, D e W devem ser pelo menos coextensivos e, portanto, se (b) é verdade, alguém que aprende W ao saber que

²⁵ I shall continue to assume that learning a natural language is learning the rules which determine the extensions of its predicates and proceed to take seriously such consequences of the view as can be made apparent.

significa D já deve entender pelo menos uma fórmula coextensiva com W, a saber, a que D é redigida.

Com isso, podemos concluir que a representatividade se dá por mecanismos de extensão da L. E que aprender uma L' é a capacidade de representação dada por L.

CAPÍTULO 3 – DA OPOSIÇÃO

3.1 - Conceitos básicos

Esse capítulo deriva da metodologia utilizada neste trabalho, pois é claro a necessidade de inter-relacionar os Grandes Opositores do Inatismo. Porém, o intuito não é definir, ou decidir, a corrente correta no problema mente-corpo, mas sim demonstrar que, enquanto permanecermos nessa “polarização”, nunca iremos avançar para um novo paradigma.

Assim sendo, na primeira metade da parte chamada Prova dos “Nove”²⁶, abordaremos o que Searle chama de problema “impossível”, a Consciência, e como a Linguagem, assim como o mecanismo de reflexão simbólica própria do Homem, influencia essa subjetividade ontológica.

Na segunda metade, abordamos um “titã” do estudo da Linguagem, Wittgenstein. O seu raciocínio sobre o Jogos de Linguagem ecoa mais vivo do que nunca em qualquer estudo sério na Filosofia da Mente e Linguagem. Tentarei demonstrar, com um jogo próprio, o que ele defende e contra argumentar, assim como na primeira metade. Portanto, “calcemos” as luvas e partamos para o “embate”.

3.2 – Prova dos “Nove”

3.1.1 – O problema “impossível” da Filosofia da Mente: a Consciência

Searle aponta que a Consciência é um fenômeno biológico e que ela é subjetiva. Ele é categórico quanto a essa afirmação. Em sua defesa, concordo com a distinção que faz entre subjetividade epistêmica e ontológica.

Tal distinção parte do argumento decisivo que, ao afirmar “gosto de café”, essa consciência é subjetiva ao gosto, a particularidade de preferência da pessoa que gosta de café. A consciência ontológica é subjetivamente existente, ela está lá. Nós não duvidamos da existência do nosso amigo, ou namorada; aceitamos que eles possuem consciência. Portanto, a subjetividade epistêmica lida com o fato de conhecer as coisas; e a ontológica é a defesa de que a subjetividade existe.

Os estados conscientes são causados por processos neurobiológicos de nível inferior no cérebro e são, por sua vez, características de nível superior do cérebro. (SEARLE, 2010, pag. 4)

²⁶ Este é um termo usada comumente no ensino, quando precisamos verificar a veracidade de uma fórmula ou afirmação, fazemos um raciocínio reverso; faço um jogo de palavras

Vemos que a Consciência ganha papel de destaque para Searle. Ela faz parte do cérebro, é uma característica inata dele.

Já vimos uma das características apontadas por Searle, a subjetividade, e a distinção que ele faz. Existem mais algumas características.

A consciência é Intencional e afirma que os estados conscientes sempre terão conteúdo, sempre em relação a algo.

Outra das características é a Unidade. Nossos estados de consciência são unificados em um único campo e ela se expande a instantes no passado e no futuro. Podemos ser conscientes de um momento anterior ao agora, e podemos estender nossa consciência a momentos futuros sem nos dividirmos em clones com consciências distintas.

A dificuldade de abordar Searle e o Interacionismo, ao qual me disponho a defender na Conclusão desse trabalho, é que Searle é um fisicalista convicto, para ele a Consciência é um resultado do funcionamento do Cérebro e devemos explicar como isso ocorre, em vez de ficarmos discutindo se é isso ou não.

De imediato, podemos induzir a importância da Linguagem Pública, pois esta proporciona significado aos estados mentais superiores. Sei o que o *Medo* representa, pois conheço a sensação ao qual foi vinculado o vocábulo, e essa vinculação se dá pela continuidade normativa proporcionada pela Comunidade Linguística. Contudo, *Temor* possui categoria próxima, da mesma família semântica de *medo*, porém não é a mesma coisa. Quando aprendo a diferenciação, o estado consciente de *temor* se torna claro, quando não, confunde-se com *medo*. Muitas vezes a diferença entre dor e prazer é a significação que damos a *qualia*.

Respondo a Searle que sim, a Consciência é uma propriedade do cérebro, mas que os níveis de Consciência vão depender da nossa capacidade de interligar significados e nossa capacidade de influenciar nossa percepção mental.

3.1.2. – Jogos de Linguagem

Quando adolescente, costumava sair com amigos para beber, aqui perto de casa mesmo – o que facilitava no retorno ao lar, sem passar muita vergonha e nem riscos. Nesses encontros era comum ter música, bebida e muita distração. Não obstante, ao estudar Wittgenstein, fiz uma relação direta, com o que ele chama de Jogos de Linguagem, com um que costumávamos jogar.

O nome do jogo é 21. As regras são simples e durante a explicação me farei entender da percepção dessa similaridade.

Uma roda de amigos, para facilitar suponhamos 21 amigos, deve contar, subsequentemente, até chegar no número 21. Cada amigo, ou amiga, vai falando um número em sequência até o último dizer 21. Ao fazê-lo, a pessoa que falar 21 deve tomar uma dose da bebida alcoólica – para ficar mais interessante. Além de beber, ele tem a liberdade de pegar qualquer número do conjunto 21 e mudar o nome. Por exemplo, a palavra “um” será substituída por “metamorfose”. Assim sendo, o próximo a começar, em vez de falar “um”, deverá falar “metamorfose” e segue o jogo.

Paulativamente, os números, as palavras serão substituídas por termos aleatórios. Contudo, duas regras não foram explicadas. A primeira delas é que, caso a pessoa erre o número, mesmo antes de chegar ao 21, beberá uma dose, contudo, sem a liberdade de substituir algum termo. Segundo, a pessoa, em sua vez, que falar dois termos seguidos inverte a direção da sequência. Por exemplo, se eu falasse “metamorfose” e “dois”, subsequentemente, a direção passaria a ser anti-horária, ou horária; todos tem essa liberdade.

Segue o jogo. Já temos um substituto para o termo “um”, que é agora “metamorfose”. Suponhamos que sou o próximo 21, assim tenho o direito de escolha: decido transformar o termo “dois” em “ambulante”. Assim, começo a contar. Primeiro falo “metamorfose”, e o próximo diz, “ambulante”, e o terceiro “três”. O divertido mesmo é quando transformamos os termos sem mudar a taxonomia. Por exemplo, posso substituir o “um” por “dois”, e o “dois” por “um”. Assim sendo, ao iniciar, a pessoa tem que falar primeiro “dois”, depois “um”, e o terceiro “três”. É bastante simples o jogo, mas depois de algumas substituições e erros ele fica realmente desafiador.

O que Wittgenstein defende é justamente essa liberdade que a comunidade linguística possui de alterar os significantes de acordo com suas regras de jogo, mas os termos essenciais da sequência do jogo permanecem inalteradas. Logo, uma língua é definida pelo avançar dessa relação de troca, movida pelas regras da própria comunidade linguística.

O denominador não é ainda nenhum lance no jogo de linguagem, tampouco quando o colocar uma figura de xadrez no lugar é um lance no jogo de xadrez. Pode-se dizer: ao se denominar uma coisa, nada está ainda feito. Ela não tem nome, a não ser no jogo. Era o que também Frege pensava com o seguinte: uma palavra só tem significação no contexto da proposição. (WITTGENSTEIN, 1999, pag. 46)

Percebemos que o termo “metamorfose” escolhido no nosso jogo só terá esse sentido, de primeiro termo de uma sequência de conjunto de 21 membros, dentro desse nosso jogo. Esse

processo de denominação, significação, tem um contexto social influenciador, no nosso caso, os amigos beberrões.

Agora, ao tomar liberdade que um TCC possui, posso fazer algumas indicações interessantes. A primeira, a existência de uma regra pré-existente ao início do jogo. De onde ela veio? Ela já estava lá ou surgiu aos poucos?

Alguns podem argumentar que a regra é inata aos jogos de Linguagem. Dependendo do nível, essas pessoas não estariam erradas. Minha resposta é que há sim mecanismos inatos, competentes ao Homem, que nos permitem adquirir uma Linguagem. Mas esse mecanismo não é taxativo, ele é evolutivo, aperfeiçoável – como demonstrado no capítulo 1.

A quem indagar, ou defender, que as regras de jogos são sociáveis, comunitárias, respondo que também estaria certo dependendo do nível. Afirmo que, de início, a habilidade linguística do *sapiens* era mínima, pois acompanhava o nível neurobiológico da espécie. Contudo, com o evoluir da espécie, nossa capacidade cognitiva ganhou poderes mentais superiores que necessitou de uma ferramenta mais rigorosa e mais elegante – em suma, uma Linguagem mais rica.

Wittgenstein é um pragmático forte. Contudo, não podemos aceitar, a não ser a qualidade de seu raciocínio, a conclusão a que ele chega. A Linguagem é predisposta do organismo. Ela é um evento fisiológico, mas também social, pois, há sim, um jogo de influências da comunidade linguística.

Conclusão

Tens me acompanhado, ó leitor, até aqui. Nesse percurso que envolve tantas incógnitas e certezas. Tantas crenças em ramificações de como abordar esse problema tão recorrente desde Descartes: corpo-mente.

Contudo, ainda falta uma análise, por parte deste que vos fala, e assim sendo, tentarei interagir com as duas correntes para então concluir que Fodor errou ao afirmar que existe uma Linguagem Interna representada pela Pública. Não é uma representação. A Linguagem Interna é a própria Linguagem Pública. Não há uma situação de L representa L'. As duas são uma só e ambas influenciam no Pensamento.

Porém, não basta apenas definir e sintetizar o que foi estudado. Devo uma explicação do porquê dessa afirmação. Não existe melhor lugar do que a Conclusão.

Nunca fiquei muito confortável em abordar um assunto já “levantando uma bandeira”; portanto, procurei investigar a importância da Linguagem para a Mente a partir da problemática em si. Logo, abandonei uma abordagem com conceitos *a priori* e busquei construir o argumento.

Assim, busquei entender o “local”, a “morada”, da mente humana. E, como era de se esperar, deparei-me com a primeira dificuldade: será possível a mente existir sem o corpo? Se a mente existe fora do corpo, seria a Linguagem um fenômeno puramente mental? Contudo, a pergunta mais importante que direcionou essa primeira parte do trabalho era *se era possível existir uma mente sem Cérebro? Caso eu responda que ‘não’, como o Cérebro se desenvolveria e como ele conseguia produzir Estados Mentais ou ferramenta igual a Linguagem?*

Percebemos a profundidade desse ‘lamaçal’, talvez a metáfora mais adequada seria “areia movediça”. Buscando evitar essa confusão de questionamentos, e como o trabalho tem de tema a Linguagem, procurei demonstrar a evolução humana, para assim demonstrar o desenvolvimento cognitivo, em uma espécie de operação epistemológica cirúrgica.

A plataforma “arquimediana”, da qual se sustenta todo esse trabalho, parte da premissa de que a Mente não existe fora do Cérebro, é dependente dele, e a sua evolução ocorreu com a evolução do ser humano como um todo. Não obstante, a Linguagem é um recurso cognitivo desenvolvido para a Comunicação, com recursividade simbólica. A HCC demonstra isso muito bem. O cérebro, para maior desempenho, teve suas regiões especializadas em um processo acumulacionista.

Essa especialização, em áreas de trabalho específicas, mas não esgotadas nelas mesmas, proporcionou maior conexão e assim maior economia espacial e energética. Nosso cérebro agora possui capacidade adaptativa para situações específicas sem perder características gerais.

A lateralização da língua no hemisfério esquerdo é um exemplo dessa especialização modular funcional, pois não se esgota nessa região. Alguém com mal desenvolvimento da área de Broca, ou acidente que incapacite a região, ainda consegue fazer uso da Linguagem. Contudo, poderá ocorrer grande alteração na *psique*. Essa capacidade de especialização adaptativa advém da assimetria flutuante, ou direcional.

Não se trata de desenvolver áreas do cérebro em termos de igualdade, cada área com o mesmo tipo de importância, ou evolução, de igual força cognitiva, mas sim de desenvolvimento direcionado ao melhor desempenho cognitivo. Os eventos neurológicos seriam de

A HCC não implica na TRM, pois nossa linguagem interna não implica representação na linguagem pública. A linguagem interna é um desenvolvimento também continuado da nossa espécie em confronto com sua comunidade linguística. Agora, a afirmação de unicidade da Linguagem ganha um escopo mais interessante.

Respondemos a premissa 1) *a mente não existe sem o cérebro*. Agora, a premissa 2), *o cérebro se desenvolveu de modo continuado em intensa especialização pelo ambiente*, requer demonstração.

O bipedismo, talvez, seja a melhor explicação adaptativa física para o desenvolvimento cognitivo e, portanto, da Linguagem. Ao sairmos das copas das árvores e livrarmos os membros superiores, pudemos desenvolver habilidades e técnicas mais requintadas do que das de antes. As mãos passaram a ser ferramentas de comunicação e de desenvolvimento de maior destreza. Desafio qualquer pessoa a falar sem gesticular; logo ela perceberia que a Linguagem está intimamente ligada à nossa ação.

Contudo, não basta ter o poder de gesticular e um requinte de destreza manipulativa. Para comunicar, requeremos, primeiro, uma vontade de informar, uma intenção, e, segundo, ‘algo’ a ser informado.

Assim temos a Intencionalidade para criar uma relacionalidade entre o físico e o subjetivo de comunicação. Comunicação é intenção de comunicar algo, sobre algo e para algo.

Com as mãos livres, munidos dessa competência, o *hominídeo* pode aperfeiçoar seus métodos para uma linguagem mais robusta.

Essa protolinguagem, junto com o aumento de capacidades biológicas como a percepção, memória e aprendizado, permitiu uma maior interação entre o indivíduo e a comunidade em qual está inserido. Assim, a Cultura pode ser entendida como uma força interacional entre indivíduos dentro de uma comunidade de intenções compartilhadas.

Em sociedade, o ser humano continua se desenvolvendo, e graças a capacidade de gravação genética, não precisamos aprender novamente tudo o que nossos antepassados demoraram tanto, uma herança de dupla hélice. O acúmulo cultura passa a ser o grande docente e potencializado da Linguagem.

A criança aprende da comunidade sem experimentar do mundo. Assim, o acúmulo cultural acabou por dar significados sem referência em experiências diretas. Não precisamos mais colocar a mão no fogo para saber que queima. O signo “queimar” tem o significado codificado de uma compreensão empírica de uma comunidade linguística de uma reação de causa e efeito.

Após responder a segunda premissa, percebemos que há duas concepções que não fazem relação com a TRM de Fodor. É verdade, pois não há que se falar de representação. A Modularidade nos fornece conjecturas de como a Mente acaba por funcionar, e as pesquisas neurológicas corroboram com essa ideia. A HCC nos fornece dados suficientes para aceitar o caráter continuísta da Linguagem sem representação.

Os seres humanos são seres biológicos que possuem uma capacidade cognitiva suprema nesse planeta. Essa capacidade foi desenvolvida por várias forças atuantes durante milênios. Não foi uma força adaptativa, pois, estamos mais longe de equilíbrio com a natureza do que qualquer animal, ou ser vivo, nessa terra.

As forças que me refiro são forças seletivas de agrupamento de informações e habilidades que melhor desenvolvem o organismo. Resumindo: nossa espécie foi aperfeiçoada para a melhora e transmissão de informações.

A Linguagem não existiria, como ela existe hoje, sem uma cooperação entre duas forças evolutivas: a cultura e a neurobiologia. A primeira nos proporcionou acúmulos significativos de significados. Passamos a representar instanciais emocionais em ícones artísticos, musicais, em suma, ritos simbólicos que expressavam emoções e intenções.

A segunda, proporcionou um aparato biológico forte o suficiente para se adaptar a futuras incursões e decisões sem se prender a competências rígidas. Um cavalo, ao nascer, já sabe como andar e sobreviver, ele já vem programado com habilidades que em pouco serão alteradas com o seu crescimento. Já uma criança, não. Ela possui sim competências de uma mente Gregoriana²⁷, mas também a capacidade de se adaptar a sua volta, aprender com seus pares e se deixar influenciar por tal.

Como visto, a Linguagem Primeira proporciona um esquema relacional neurológico, a qual, com o passar dos anos, e aumento da massa encefálica, assim como acúmulo léxico, vocabular, permite o surgimento de um processo mental baseado nesse mapa conceitual. Não se trataria se eles são públicos ou não, os eventos neurológicos são privados, de subjetividade ontológica, mas de interpretação e subjetividade epistêmica pública. Sei o que “medo” significa em meu organismo, pois conhece a definição pública da palavra “medo”.

A Linguagem Primeira acaba por influenciar o processamento de dados e como experienciamos cada sensação. Uma prova disso é o esquema conceitual para aprendizado de uma língua na adolescência e a diferença do que ocorre quando aprendemos duas línguas nas primeiras fases de desenvolvimento cognitivo. Quando criança, as sinapses linguísticas são as mesmas, quando adolescente, não.

O esquema apresentado por Fodor corrobora essa hipótese, apenas diverge na dualidade entre Linguagem Interna e Linguagem Pública. Não há um fator interno, específico, no cérebro como uma Linguagem. O próprio Cérebro é o órgão defendido pelos que acreditam em Chomsky. Todo seu mecanismo e forma de funcionamento apontam nessa direção.

Porém, a capacidade simbólica recursiva aumenta e surge apenas na interação com a comunidade em que o agente se encontra. O esquema de confirmação de verdades e a computabilidade fodoriana influenciam a Linguagem Pública, pois é uma com a Linguagem Interna, junto aos Jogos de Linguagem da comunidade. Há uma interação entre essas forças.

Defendo que a Linguagem acaba influenciando o Pensamento, pois só conseguimos pensar por significados estando em uma comunidade linguística. Não descarto a existência de condições fisiológicas, mas o modo como racionalizo o mundo se dá pelo significado que possuo dele.

²⁷ Tipos de Mente, Dennett. Mentes Gregorianas são as capazes, além de criar hipóteses, passá-las ao próximo, ou seja, capazes da aprendizagem cultural. Mentes assim, estão um nível abaixo dos de Mente Consciente.

No fim, ao afirmar que a Linguagem Privada é a Linguagem Pública estou direto na resposta. A subjetividade ontológica pressupõe a existência de estados perceptivos próprios, e a subjetividade epistêmica pressupõe formas de conhecimento dentre as sensações. Agora, os significados das nossas percepções individuais só ganham o significado da comunidade linguística porque somos parte dela. Logo, não há que se falar de Linguagem Privada separada da Linguagem Pública. Afirmo aqui uma característica primordial dessa concepção de Linguagem do Pensamento: a característica da Unicidade.

Esse trabalho não chega nem perto de esgotar o assunto. Falei aqui de Acumulo Cultural, Gene, Qualias e Consciência – concordo com Searle sobre o nível de dificuldade – e ainda por cima, passei apressadamente sobre a importância dos Estados Emocionais para o desenvolvimento do Homem.

De maneira breve, percebemos a importância das Emoções na concepção do Homem ao assistir ao filme da Pixar *Divertidamente*²⁸. Nele, vemos como cinco emoções básicas – alegria, tristeza, medo, raiva e nojo – constituem peças chave, suas interações, no desenvolvimento emocional e cognitivo. Talvez, até em nível significativo. Portanto, acredito que esse trabalho apenas seja o início de um percurso difícil. Faço minhas as palavras do professor Paulo Abrantes em uma de suas reuniões de estudo: “Não entremos nesse lamaçal que é a Linguagem”. Infelizmente, respondo ao professor aqui, já entrei e estou até o pescoço.

Quero terminar transcrevendo uma música de um dos maiores artistas brasileiros, Raul Seixas, O Conto do Sábio Chinês:

Era uma vez... Um sábio chinês... Que um dia sonhou... Que era uma borboleta... Voando nos campos... Pousando nas flores... Vivendo assim... Um lindo sonho... Até que um dia acordou... E pro resto da vida... Uma dúvida... Lhe acompanhou...

Se ele era... Um sábio chinês... Que sonhou... Que era uma borboleta... Ou se era uma borboleta... Sonhando que era... Um sábio chinês...

²⁸ Inside Out, 2015, Disney.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDITTO, K. B. B. “**Nova Síntese**”: um diálogo inacabado entre Pinker e Fodor. *Rev. Filos., Aurora, Curitiba*, v. 22, n. 30, p. 153-177, jan./jun. 2010.

_____. **Fundamentos Epistemológicas da Teoria Modular da Mente de Jerry A. Fodor**. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 31(2):119-135, 2008.

DENNET, D. C. **Tipos de Mente, Rumo a uma compreensão da consciência**. Trad. Alexandre Tort. Ed. Rocco: 1993. Rio de Janeiro.

FODOR, J. A. **The Language of Thought**. Hassocks : Harvester, 1976.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. Ed. FGV. 27ª Edição, 2010, pg. 173 – 175.

KUHL, P. K. **A new view of language acquisition**. *PNAS*, October 24, 2000. Vol. 97, n. 22. 11850-11857.

SARAIVA, P. E. S. S. **Cérebro, Evolução e Linguagem**. Ed. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

SEARLE, J. R. **Consciência e Linguagem**. Trad. Plínio Junqueira Smith. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. Editora Nova Cultura: 1999.